

**Dea Loher**

# **LADRÕES**

**DIEBE**

Portugiesisch (Brasilien) von Isabella Parkinson,  
Rio de Janeiro, 2011

Alle Rechte vorbehalten, insbesondere das der Aufführung durch Berufs- und Laienbühnen, des öffentlichen Vortrags, der Verfilmung und Übertragung durch Rundfunk und Fernsehen. Das Recht der Aufführung ist rechtmäßig zu erwerben vom:

*All rights whatsoever in this play are strictly reserved. No performance may be given unless a licence has been obtained. Application for performance etc., must be made before rehearsals begin, to:*

**Verlag der Autoren GmbH & Co KG**  
**Taunusstraße 19, 60329 Frankfurt am Main**  
**Telefon: 0 69 / 23 85 74 – 0, Telefax: 0 69 / 24 27 76 44**  
**E-mail: [theater@verlagderautoren.de](mailto:theater@verlagderautoren.de)**

**Präsentiert für Lateinamerika durch/Represented for Latin-America by:**  
**Autorenagentur Hartmut Becher**  
**Carlos Calvo 1821**  
**C1230AAA Ciudad de Buenos Aires**  
**Argentina**  
**Tel. +54-11-3531 4549**  
**Email: [hartmut.becher@gmail.com](mailto:hartmut.becher@gmail.com)**

Die Rechte an der Übersetzung liegen bei:

Isabella Parkinson, Email: [iparkinson.parkinson@gmail.com](mailto:iparkinson.parkinson@gmail.com)

Förderung der Übersetzung durch: / *This Translation was sponsored by:*



**Dea Loher**

**LADRÕES**

**Tradução: Isabella Parkinson**

**VERLAG DER AUTOREN**

© Verlag der Autoren Frankfurt am Main, 2009

VERLAG DER AUTOREN GmbH & Co. KG

Schleusenstraße 15, 60327 Frankfurt am Main

Tel. +49 69/238574-20, Fax +49 69/24277644

e-mail: [theater@verlag-der-autoren.de](mailto:theater@verlag-der-autoren.de)

[www.verlagderautoren.de](http://www.verlagderautoren.de)

Personagens:

Finn Tomason

Linda Tomason, sua irmã

Erwin Tomason, pai de ambos

Thomas Tomason }

Mônica Tomason } não têm parentesco com os personagens acima  
(criança)

Senhor Schmitt, Gerhard

Senhora Schmitt, Ida

Josef Compaixão

Mira Metade

Gabi Nowotny

Rainer Machatschek

Ira Davidoff

*A peça se passa no presente às margens das cidades.*

01. Acordado 1  
02. Lobo  
03. Acordado 2  
04. Perspectiva 1  
05. Rastros 1  
06. Sonho 1  
07. Acordado 3  
08. Hora marcada  
09. Perspectiva 2  
10. Domingo 1  
11. Sonho 2  
12. Rastros 2  
13. Acordado 4  
14. Noite  
15. Perguntas 1  
16. À sós  
17. Domingo 2  
18. Acordado 5  
19. 43 Anos

20. Acordado 6  
21. Rastros 3  
22. Férias  
23. Surpresa  
24. Acordar  
25. Separação  
26. Manhã  
27. Ponto de ônibus  
28. Corredor  
29. Perspectiva 3  
30. Amigos 1  
31. Rastros 4  
32. Amigos 2  
33. Dor de cabeça  
34. Amigos 3  
35. Perguntas 2  
36. Domingo 3  
37. E depois

## **01. Acordado 1**

*Finn.*

Ele nunca mais ia se levantar. Nem hoje e nem outro dia. Ele sabia disso, ao abrir os olhos essa manhã, o pipipi eletrônico do despertador atrás da sua cabeça à esquerda. Ele o deixou continuar tocando, depois se deixou levar pelo silêncio e só se mexeu, quando o snooze ficou mais alto; então ele esticou o braço, procurou o botão de desligar, que ele encontrou de olhos fechados, e ficou ali, o braço agora sobre a colcha, deitado como antes.

## 02. Lobo

*Linda*

Linda viu um lobo.  
Ela quer contar isso para alguém, quando chega em casa,  
mas não tem ninguém. Uns vizinhos,  
ela liga para uns vizinhos, ninguém atende.  
Linda insiste, ela viu um lobo.  
Ela ajeita 3 almofadas, coloca 3 xícaras na mesa  
e 1 cinzeiro, que parecem ser para  
uma família, que poderia ser a sua. Os pais precisam tentar,  
parar de fumar; tem sempre  
um carrinho de brinquedo largado no caminho. Presta atenção, ela diz,  
hoje bem cedo, você ainda estava dormindo,  
ela diz para o marido, que não existe, que está  
sentado à sua frente, eu vou até a casa de máquinas,  
a casa de máquinas, que fica ali em cima, onde antigamente  
era o campo do fazendeiro.  
Eu começo, a soldar o encanamento, e soldo e -  
Ela é logo interrompida pelo marido, que quer  
saber direito, o campo era aquele,  
na mata, perto do rio, onde você -  
onde você foi atingida pelo raio.  
É, Linda diz, foi exatamente ali, que coincidência engraçada.  
Ela bate com o dedo médio, com a ponta sem sensibilidade,  
a ponta magnética do dedo médio, na mesa de madeira.  
Eu posso continuar contando. - Por favor.  
Não, que eu tenha ouvido qualquer coisa, assim por nada, eu olho pra cima, e o  
bicho, esse bicho, um bicho tão forte  
de repente está ali, a uns 50 metros talvez, talvez menos.  
A criança, a criança, que não existe, que está sentada ao seu lado,  
poderia se assustar. Linda lhe olha fundo nos olhos.  
Ele era bonito, inacreditavelmente bonito,  
cinza, no sereno, com cristais brilhantes no pelo.  
Ambos, o marido e a criança, olham para ela incrédulos e  
trocam olhares desconfiados entre si.  
É, é improvável, totalmente improvável,  
mas o que eu posso fazer, foi assim, mesmo, e  
simsim, o gelo, o brilho dos cristais de gelo no seu pelo  
faziam com que o lobo parecesse ainda mais irreal.  
Ele mexe as orelhas e boceja, como se estivesse deitado no campo até há pouco  
e acabado de se levantar,  
vou te falar, foi um conto de fadas, foi de arrepiar.  
Improvável, foi você mesma que disse,  
é o que o marido acha, e  
você se enganou.

Um pastor alemão, que fugiu, um husky da cidade,  
de férias.  
Linda diz, eu sei reconhecer um lobo quando eu vejo um,  
é, claro que sim.  
Mas como, como, a criança implica com ela,  
como você reconhece um lobo.  
Você tem idéia, de como um bicho desses,  
um bicho lobo desses olha pra você, Linda pergunta, enérgico, profundamente  
concentrado.  
Não há garantias.  
Olhos assim  
nenhum bicho doméstico tem.  
Pausa. Ela bufa.  
Olhos assim  
nenhum bicho doméstico tem.  
O marido fica calado. Consternado. E,  
se a Linda tiver razão. É para nos alegrarmos  
ou melhor não.  
O lobo representa o início recomeço  
ou a despedida decadência.  
O marido, ela o chama de Rainer,  
o marido com o seu jeito meio condescendente,  
que às vezes a irrita profundamente, e daí e daí,  
na cidade já tem até javali,  
falcão, brabo, e daí,  
um lobo passou por aqui  
à caminho da cidade.  
O que Linda faz, não se deixa irritar.  
Silêncio. O Rainer desiste.  
Precisamos fazer uma ocorrência,  
em algum departamento. Precisamos de ajuda.  
Silêncio. E depois, o que o lobo fez,  
Rainer agora chama o bicho pelo nome.  
É, o que o lobo fez, a criança  
é imparcial, completamente imparcial.  
O marido se chama Rainer, a criança  
se chama Imparcial.  
Linda diz, ele continuou no seu caminho. Na direção da casa do Kühne.  
Ele conhecia o caminho, era o que parecia. Linda diz.  
Ela estica a mão, a mão com o  
dedo magnético, e faz com que o  
carrinho de metal vermelho atravesse a mesa, à distância,  
só com o movimento do dedo,  
para um lado, e para o outro. A criança fica contente.  
Eles ficam pensando. A casa do Kühne está vazia.  
Ele desapareceu no celeiro.  
E é Linda quem diz.  
Lobos vivem em alcatéias. Não é.

### 03. Acordado 2

*Finn.*

Ele nunca mais ia se levantar. Ele nunca mais vai se levantar e andar por aí e atravessar a porta e sair e dar uma descida e viver. Nem hoje e nem outro dia. Ele sabe disso, ao abrir os olhos essa manhã, o pipipi eletrônico do despertador atrás da sua cabeça à esquerda. Ele o deixa continuar tocando, depois se deixa levar pelo silêncio e só se mexe, quando o snooze do despertador fica mais alto; então ele estica o braço, procura o botão de desligar, que ele encontra de olhos fechados, e continua ali, o braço agora sobre a colcha, deitado como antes.

Ele não se mexe, só os seus olhos vagueiam. As cortinas azuis, quase transparentes, a janela de madeira, que precisa de pintura, uma cadeira preta de metal, a cúpula de plástico do abajur, a calça, o par de sapatos, as meias, o lenço sujo no chão ao pé da cama, as paredes amareladas cheias de anotações. Os nomes, os números, as notícias.

Indiferente.

Seus olhos se fecham.

Indiferente.



#### 04. Perspectiva 1

*Mônica. Thomas.*

**Mônica** Ele diz, que ano que vem é a minha vez. *Pausa.* Daqui a 2 anos, mais tardar. - Em 1, 2 anos, chegou a minha vez.

**Thomas** Não mais esse ano.

**Mônica** Ano que vem. Provavelmente.

**Thomas** Com certeza.

**Mônica** É, é, com certeza. *Pausa.* Em 1, 2 anos, podemos contar com isso. - Pode dizer pro seu marido, ele disse.

**Thomas** Ele disse isso.

*Silêncio*

**Mônica** Se não no ano que vem, daqui a 2 anos. *Pausa.* Com certeza. - É sim.

*Pausa*

**Mônica** Ele me mostrou uma lista, sabe.

**Thomas** Que tipo de lista.

**Mônica** Com nomes. Não deu pra ler direito, estavam todos riscados. Mas bem no topo da página estava o meu nome, claramente, Mônica Tomason estava lá, o resto, pra baixo, tudo riscado. Mas bem no topo eu, o meu nome. E aí, ele me diz, está vendo, está vendo ele diz, você está bem no topo da lista - aqui no topo, Mônica Tomason, ao lado uma cruz ele diz - tinha uma cruz ao lado do meu nome, ao lado uma cruz ele diz, não um colchete, colchete significaria que já era. Mas não era o meu caso, não tinha um colchete no meu nome. *Pausa.* E depois ele ainda disse, nós dois, Senhora Tomason, ainda temos muito pela frente.

**Thomas** É papo furado.

**Mônica** O que -

**Thomas** É conversa. *Pausa.* Meu Deus.

**Mônica** Você vai ter que se mudar é claro, é o que ele diz.

**Thomas** É. Claro.

**Mônica** Eu espero, que você goste de uma mudança de ambiente, é o que ele diz.

**Thomas** Papo furado, digo eu.

**Mônica** Ele está falando sério. É pra valer. Mesmo - sério.

**Thomas** Gente Mônica, se mudar pra onde. Se aqui já está tudo fechando. - Ele quer dizer pro exterior. Você perguntou. Ele quer dizer pro exterior ou ele quer dizer pra Hunsrück.

**Mônica** Uma língua estrangeira seria favorável. Foi o que disse.

**Thomas** Favorável, sei. - Pro exterior então. Eles precisam de você no exterior, de você num supermercado no exterior. Eles têm os seus próprios supermercados, ou não, os seus próprios supermercados com os seus próprios gerentes de filial. Eles não precisam de gerentes daqui.

**Mônica** Não é verdade, desculpa, não foi assim que ele falou. Ele disse: indispensável. Uma língua estrangeira é indispensável. Foi isso que ele disse. - Melhora o seu inglês. Ele disse. - Ou então se especializa numa língua exótica. Essas foram as suas palavras exatas. Mas, querida Tomason, no final das contas a decisão é sua. Aprender outras línguas, ele quer dizer. - No final das contas, ele gosta de dizer isso. Com respeito a, ele também gosta de dizer. No fim do dia, ele diz frequentemente. No final das contas a decisão é sua.

**Thomas** Papo furado - Papo furado. É, é isso. Papo furado.

**Mônica** O que-

**Thomas** Pa-po fu-ra-do.

**Mônica** Não, foi assim. Ele diz: Melhora o seu inglês. Ou se especializa numa língua exótica. Holandês, por exemplo. Foi isso que ele disse.

**Thomas** Você acredita nisso -

*Silêncio*

**Thomas** De onde ele tirou essa idéia de Holanda. Desde quando se precisa de uma gerente de filial de supermercado alemã na Holanda.

**Mônica** Ele está de olho na concorrência, é o que se diz. Ele está comprando tudo, é o que se diz. E ele vai querer funcionários daqui, por uma questão de confiança.

*Pausa*

**Thomas** Por que ele lhe promete uma coisa dessas. - Por que. Eu não entendo isso. E por que lhe -

**Mônica** Ele está planejando com antecedência.

**Thomas** O que está por trás disso. Eu não consigo entender. Eu não sei o que é, mas tem alguma coisa por trás disso.

**Mônica** Eu a vi. Eu vi a página com a lista de nomes, aqui, com esses dois olhos. Estavam todos riscados, os outros -

**Thomas** Se estavam todos riscados, como é que você sabe -

**Mônica** Não dá pra todo mundo, entende.

**Thomas** Mônica Tomason estava lá.

**Mônica** Mônica Tomason estava lá.

*Silêncio*

**Mônica** Vai dar sim. Para nós dois vai dar sim, com certeza.

*Silêncio*

**Thomas** Paciência nós temos, né.

**Mônica** Paciência nós aprendemos a ter.

*Os dois riem, comedidamente, quase envergonhados.*

**Mônica** Paciência nós temos há muito tempo. Muito tempo.

*Silêncio*

**Thomas** O bom é que -

**Mônica** Ah, tem também um lado bom -

**Thomas** O bom é que, se no final ele não escolher você, você não vai ter perdido quase nada; um pouco da sua esperança. Mais nada.

*Silêncio*

**Thomas** Não estamos passando necessidades. Não é.

*Pausa*

**Mônica** Não.

*Pausa.*

**Thomas** Então. - Não estamos passando nenhuma necessidade.

*Silêncio.*

**Thomas** Se no final você não for promovida, não vai ter acontecido quase nada.

Quase nada.

*Silêncio.*

**Thomas** Só vai ter passado um pouco de tempo.

**Mônica** Seria uma forma de reconhecimento.

**Thomas** É, seria.

## 05. Rastros 1

*Senhor Schmitt. Senhora Schmitt*

**Senhor Schmitt** Eu acho, que ele esteve aqui de novo.

*Pausa*

**Senhor Schmitt** Você está ouvindo.

**Senhora Schmitt** O que você quer dizer.

**Senhor Schmitt** Ele esteve aqui de novo. Ele deixou rastros.

*Pausa*

**Senhor Schmitt** Você sabe exatamente, o que eu quero dizer. Vem comigo lá fora, eu te mostro.

**Senhora Schmitt** Agora não.

**Senhor Schmitt** Ele deixou rastros. Isso quer dizer, que é um bicho. *Pausa.* Ele deixa rastros todas as vezes.

**Senhora Schmitt** Isso é bom, é só um bicho, inofensivo, que se perdeu.

**Senhor Schmitt** A cerca está marcada, galhos quebrados, a grama pisada formando um círculo, aqui e ali, como se ele tivesse procurado um abrigo, depois arrumado uma cama para passar a noite, se deitado e virado de um lado para o outro e se enrolado, o focinho entre as patas traseiras, escondido embaixo do rabo, perto do ânus, os olhos fechados, mas em estado de alerta mesmo durante o sono; de manhã, antes do primeiro raio de sol, ele acorda, lambe o pelo e vai embora, à caça. - Quando ele vai voltar, não sabemos.

**Senhora Schmitt** Que tipo de bicho pode ser.

**Senhor Schmitt** Ele não é selvagem. Ele não destrói nada.

**Senhora Schmitt** Ele deixa rastros.

**Senhor Schmitt** Você está ouvindo alguma coisa.

**Senhora Schmitt** Agora.

**Senhor Schmitt** Quando o bicho está aqui, dá para ouvir alguma coisa. Você está ouvindo o bicho.

**Senhora Schmitt** Não.

**Senhor Schmitt** Ele não faz nenhum barulho. *Pausa.* Um bicho silencioso. Um bicho como um ladrão.

**Senhora Schmitt** Ele está aqui e depois vai embora. Só sobram os seus rastros.

**Senhor Schmitt** Ver nós nunca vimos.

**Senhora Schmitt** Mas nós sabemos, que ele está aqui, mesmo sem saber, que ele está aqui. Porque ele deixa esses rastros. *Pausa.* É para que saibamos, que ele esteve aqui.

**Senhor Schmitt** O bicho não pensa em nós.

**Senhora Schmitt** O bicho quer, que nós saibamos, que ele pode estar aqui, se quiser. Perto de nós. *Pausa.* É um bicho esperto.

*Pausa.*

**Senhora Schmitt** Ouve. Ele não faz nenhum barulho. Ele não destrói nada. O que o bicho quer de nós.

**Senhor Schmitt** Ele passa a noite no nosso jardim.

**Senhora Schmitt** Enquanto nós dormimos, o bicho vem, se deita perto de nós e dorme também.

**Senhor Schmitt** Enquanto nós dormimos.

**Senhora Schmitt** Ou ele não dorme. Enquanto nós dormimos, o bicho não dorme. Enquanto nós não dormimos, o bicho também não dorme.

**Senhor Schmitt** E depois ele acorda cedo e vai trabalhar.

**Senhora Schmitt** Antes de nós irmos trabalhar.

**Senhor Schmitt** Para que não o vejamos. Ele está nos seguindo e está na nossa frente. Um bicho esperto.

**Senhora Schmitt** E depois ele desaparece debaixo do nosso nariz, e deixa esses rastros da sua presença. Ele deixa o calor do seu sono na cova da grama embaixo do sabugueiro. Para que saibamos que ele esteve aqui.

**Senhor Schmitt** A cova na grama ainda respira. Embaixo do sabugueiro o bicho respira na nossa direção.

*Silêncio*

**Senhora Schmitt** O que você acha.

**Senhor Schmitt** Nós não sabemos, o que ele pretende.

**Senhora Schmitt** Ele está nos observando. Ele está aqui, depois ele não está, e depois ele volta. Ele nos observa, quando lhe convém.

**Senhor Schmitt** Como se fosse a sua cerca, o seu buraco na cerca, a sua casa, o seu jardim, a sua grama e o seu sabugueiro.

**Senhora Schmitt** Como se os olhos, que ele aponta na nossa direção, quisessem se apropriar de nós.

**Senhor Schmitt** Como se ele quisesse nos dizer alguma coisa.

**Senhora Schmitt** Como se ele quisesse nos roubar alguma coisa.

**Senhor Schmitt** Mas ele não diz nada. E ele não rouba nada. Ele vem, então está aqui, depois não está. Como bem lhe convém.

**Senhora Schmitt** Qual será o seu próximo passo. Ele vai trazer os parentes, filhos, tios, tias, a família toda.

**Senhor Schmitt** O que ele pretende conosco.

**Senhora Schmitt** Precisamos dar um jeito nele. - O que você acha.

**Senhor Schmitt** Um bicho esperto.

## 06. Sonho 1

*Linda. Mônica.*

Linda vai ao supermercado.  
Linda sonha.  
Ela compra costeletas de vitela, para três,  
e carne de porco, também para três.  
A gerente aparece, uma  
Senhora Tomason também, o mesmo sobrenome. Elas sabem disso, desde que  
Linda viu no crachá,  
elas sorriem uma para a outra,  
normalmente de forma rápida. Mas dessa vez,  
Linda puxa conversa:  
eu já vi o lobo várias vezes,  
à luz do dia,  
isso é um bom sinal.  
Significa, que ele não se esconde,  
ele não é uma dessas bestas no escuro,  
que rouba cordeiros de forma traiçoeira.  
As duas riem com vontade.  
Não, ele parece acostumado com gente,  
à sua proximidade, especialmente, digamos assim,  
ele parece gostar de nós, o lobo.  
Será que a outra Senhora Tomason ouviu alguma coisa sobre os planos para a  
reserva florestal - não -,  
biosfera - parque natural -, não -.  
As termas provavelmente vão ser demolidas, ao que parece,  
eu vou perder o meu emprego.  
Não, a nascente vai ser preservada.  
Uma piscina talvez, uma piscina especial.  
De águas naturais. Protegida.  
A água não é potável, tem muito enxofre.  
As termas estão podres e não servem para muita coisa.  
As termas são apenas uma pequena luz  
nas estações de água; o que vem depois, vai ser lucrativo.  
Para o coletivo.  
A gerente está interessada ou finge estar,  
enquanto ela pesa o salami, ela mesma, excepcionalmente,  
porque é para você. Sendo assim, quem sabe,  
talvez você possa crescer profissionalmente,  
e assumir a administração dos lobos;  
eu também não vou continuar a mesma pra sempre,  
estou indo pro exterior, Holanda, para ser exata.  
O dedo magnético de Linda brinca com o troco,  
lança as moedas no ar, de forma atrevida,  
as pega de novo sem erro, são boas as suas perspectivas.

E Linda: Eu já vou, boa sorte pra você também e bom apetite.  
E Linda: Um lobo, imagina,  
já é alguma coisa. Não é.  
E Linda: Éé, lobos vivem em alcatéias.  
Quer dizer, em condições normais.  
E Mônica, sorrindo: Boas perspectivas pra você.

## 07. Acordado 3

*Finn.*

Eles tocaram a campainha.  
Ele não sabia e não queria saber, quem era.  
Alguém, que não veio sozinho;  
ele ouviu vozes, partes de uma conversa,  
passos, impacientes de um lado para o outro sobre o salto.  
Eles tocaram também na casa do vizinho.  
Mas quem. Quem poderia ser. Quem estaria sentindo a sua falta.  
Ele pensou por muito tempo.  
Eles tocaram também na porta do vizinho.  
No final não tinha nada a ver com ele,  
um casal de representantes de alguma companhia de eletricidade ou de telefone  
celular.  
Eles tocaram de novo,  
um toque curto e tímido dessa vez.  
Quem viria, procurar por ele.  
Será que alguém iria arrombar a porta em algum momento, por não conseguir  
encontrá-lo.  
Ele pensou por muito tempo.



## 08. Hora marcada

*Mira. Gabi.*

**Mira** Amanhã eu vou.

**Gabi** Tem certeza.

**Mira** Certeza absoluta. Amanhã eu vou fazer.

*Pausa*

**Gabi** Você tem hora marcada.

**Mira** 9:45

*Pausa*

**Gabi** Você ainda tem um tempinho. Não é.

**Mira** Duas semanas

**Gabi** Tá vendo. *Pause.* Ainda dá pra pensar.

*Silêncio*

**Mira** Não. Já tá decidido.

*Pausa*

**Gabi** Você ainda é tão jovem.

**Mira** Pois é. Fazer o que com um pirralho.

**Gabi** Eu não quero me meter.

*Pausa*

**Gabi** É só uma idéia.

**Mira** Claro.

*Silêncio*

**Gabi** O cara continua na área.

**Mira** Mais ou menos.

**Gabi** Isso quer dizer o que.

**Mira** Ainda não se decidiu.

*Pausa*

**Gabi** Ele tá esperando o que.

**Mira** O aborto.

**Gabi** Sei. Só quer você sem.

**Mira** Não, só com. Só quer o pão com recheio.

*Pausa*

**Mira** Sei lá, é um cara esquisito.

*Pausa*

**Gabi** Qual o nome dele.

**Mira** Josef é o nome dele.

*Pausa*

**Mira** Sei lá, é um cara esquisito.

Quando eu me livrar do enxerto, me livro dele também.

**Gabi** É por isso. Você quer se livrar dele.

**Mira** Ah, se eu pudesse arrancar ele da minha vida, sem sobrar nada - *Ri.*

*Silêncio*

**Mira** Não. Eu quero ficar com ele. Eu amo ele.  
Aqui - Josef - talhado no quadril, ainda tá com casquinha.  
*Pausa*  
Pode ver -  
Qualquer um pode ver, qualquer um pode ler.  
E aqui - olha, aqui - onde a cruz acaba, eu vou tatuar  
Compaixão. Quando o Josef tiver curado, eu vou tatuar Compaixão.  
**Gabi** Compaixão -  
**Mira** Sobrenome.  
Josef Compaixão é o nome dele.  
*Silêncio*  
**Mira** É um cara esquisito mesmo.  
*Silêncio*  
**Gabi** Ele ganha bem, dá pra sustentar uma família.  
**Mira** Ganha. *Pausa.* Ele é agente funerário.  
*Silêncio*  
**Gabi** Dizer o que.  
**Mira** Dá pra ver nas mãos. Tão delicadas.  
**Gabi** Tem gosto pra tudo.  
*Pausa*  
**Mira** Ele leva jeito. Tem que gostar de fazer, senão dá depressão. - Não é um  
trabalho tranquilo como o seu, butique qualquer um encara.  
**Gabi** É. Quem sabe você também não aprende um dia.  
*Silêncio*  
**Gabi** Ele você ama mas o filho dele não -  
**Mira** É o nosso filho, nosso, qualé, precisa de dois pra fazer, precisa de nós  
dois.  
**Gabi** Pois é. E o filho de vocês você não ama -  
**Mira** Não sei dizer ainda - não conheço ele.  
Pode ser um filho bem simpático, por enquanto é só um monte de proteína.  
- Eu lá sei, o que vai virar.  
*Silêncio*  
**Gabi** Vai virar é um monte de lixo. Amanhã depois das dez horas.  
**Mira** Me deixa em paz.

## 09. Perspectiva 2

*Thomas. Mônica.*

**Thomas** Holandês não deve ser tão difícil. Não é. Holandês não é difícil. Pelo que se ouve -

**Mônica** Nenhuma decisão foi tomada ainda.

**Thomas** Enfim, pelo que se ouve, lembra daqueles vizinhos, do Camping, holandês é mais tipo -

**Mônica** Eu não me lembro.

**Thomas** É, parece mais um dialeto. Não é. Tipo... como alemão com sotaque. Não é.

**Mônica** Eu não sei.

*Silêncio*

**Mônica** Ainda demora. Daqui a dois anos. Talvez.

**Thomas** Você não tem nada a perder, aprendendo holandês. Em um ano já dá pra saber umas palavras.

*Pausa*

**Thomas** Se você aprender uma palavra por dia, são 365 palavras por ano. - Vamos dizer 2 por dia, então já são umas 700. - Já é um vocabulário básico.

*Pausa*

**Thomas** Você vai conseguir, Mônica. *Pausa* Quem sabe eu não aprendo holandês também, à noite; igual a você com o seu supletivo. - Seria tudo. Nós dois sentados e estudando juntos, cada um por si, que tal. - Você vai conseguir, Mônica.

*Silêncio*

**Thomas** O que significaria, que nós nos mudamos para - digamos - Amsterdam, ou algo assim, e você assume uma filial lá.

**Mônica** É, não. Eu também não sei direito.

**Thomas** A criança vai aprender rápido. Sete, oito anos é a idade ideal, para se aprender uma língua estrangeira. A melhor idade. Ela aprende quase que automaticamente.

**Mônica** Eu também não sei direito.

**Thomas** O supletivo você pode fazer em qualquer lugar. O supletivo você também pode terminar na Holanda. Em qualquer lugar, não precisamos preocupar com isso. - Nos preocupar com isso. Se preocupar com isso é como se diz.

**Mônica** O que -

**Thomas** Você vai conseguir.

*Pausa*

**Thomas** Eu não vou conseguir uma transferência pro exterior. Você sabe disso. Trabalho interno é trabalho interno.

**Mônica** Fronteira. Você poderia ser transferido pra fronteira.

*Pausa*

**Mônica** Você poderia tentar.

**Thomas** Eu poderia tentar.

**Mônica** Quer que eu fale com o seu chefe.

Você quer que eu faça isso -

**Thomas** Ah - melhor não.

**Mônica** Eu poderia tentar.

**Thomas** Mônica -

**Mônica** O que -

*Pausa*

**Mônica** Aachen é na fronteira. Por exemplo.

**Thomas** Tá bom.

**Mônica** Aachen ou -

**Thomas** Tá bom. - Eu vou tentar.

*Silêncio*

**Mônica** Não vai sobrar muito tempo pra família.

*Silêncio*

**Thomas** Foi o que *ele* disse.

**Mônica** Enfim. Vai ser o suficiente. Eu preciso de tempo, para aprender. Você também pode ser egoísta.

**Thomas** Foi o que ele disse. -

**Mônica** Digo eu.

*Pausa*

**Mônica** Eu acho - que eu me mudaria primeiro sozinha pra Holanda. Eu teria que. Provavelmente. *Pausa*. E vocês vêm depois. Horas dessas.

*Silêncio*

**Mônica** Foi o que ele disse. Eu sou pela harmonia. Mais uma dessas coisas que ele gosta de dizer. Eu sou pela harmonia, ele disse. *Pausa*. Não desiste. - O tempo voa.

*Pausa*

**Thomas** Foi o que disse.

*Pausa*

**Thomas** Você não está contente.

*Silêncio*

**Thomas** Eu estou contente.

## 10. Domingo 1

*Erwin. Linda.*

**Erwin** Eu fui dar um passeio. Eu fui dar um passeio, eu saí, movimento ao ar cinza -. Depois lavei o rosto, tanta poeira cai do céu. Agora estou sem os meus óculos, quem é, é ele - *toca com as mãos o rosto de Linda* - é qual dos meus filhos -

**Linda** O quarto domingo do mês, quem poderia ser.

**Erwin** Ah é você. Linda. Sei.

*Silêncio*

**Erwin** Eu esqueci os meus óculos. Mas eu conheço, a sua cara.

**Linda** Você deveria se operar. Catarata é uma besteira, hoje em dia. Anestesia local, 10 minutos na mesa de operação, acima de você um monitor, você vê, como o seu olho é retalhado e costurado, vai cedo, à noite já está de volta na própria cama. Uma besteira.

**Erwin** É assim que eles fazem. Rápido assim. Simples assim.

**Linda** É exatamente assim que eles fazem. Vai fazer um exame.

**Erwin** Você fica deitado de costas e vê o seu próprio olho, e você vê, como o seu próprio olho é meticulosamente cortado - você vê isso e não sente nenhuma dor -

**Linda** Eu estou dizendo, apêndice é mais perigoso.

**Erwin** Fantástico, Linda, fantástico. Uma intervenção simples, trivial, não é, e o leigo assiste a tudo e ainda aprende no processo. Fantástico.

**Linda** A catarata é liquidada.

**Erwin** Atiram na catarata, suas asas são quebradas, suas penas arrancadas, seu pescoço torcido e então ela morre. E é tudo tão simples, e ele assiste a tudo o tempo todo, e não sente nenhuma dor.

**Linda** Bom, não é uma matança louca - é rotina.

**Erwin** Eu vou fazer esse passeio da catarata. Eu vou. Acompanhantes também podem vir. Será que eu pergunto. Você quer estar presente, ver pelo espelho o meu olho ampliado, sendo cortado pela lâmina, você quer -

*Silêncio*

**Erwin** Foi você que me convenceu, a me mudar pra cá. Por favor, sobe e desce o corredor uma vez e dá uma olhada nos velhos. Você acha, que eu não sabia. Já no café da manhã eu fico ouvindo essas histórias de catarata, por todos os lados. Tudo começa com catarata. De manhã. Porque é inofensivo. Uma a uma são servidas as operações mais complicadas, no almoço se opera o coração aberto, três pontes de safena e transplante de fígado e quadril de platina, e furando o crânio vai-se controlando casualmente alguma hemorragia cerebral; e tudo isso feito, o histórico do caso com a sopa e a reabilitação de sobremesa.

*Silêncio*

**Erwin** Eu já perdi três kilos. E você nem percebeu. - Eu queria ter uma conversa normal. Como antigamente. *Pausa.* Sobre o clima. Sobre as estrelas. As nuvens. Como o clima está mudando, assim aos poucos, eu anoto, todo dia. Eu queria ter uma conversa normal sobre coisas normais. As minhas anotações sobre o clima poderiam ser úteis, para alguém, ou não. *Pausa.* Em algum momento o clima vai ser controlado por mãos humanas, inteiramente. *Pausa.* Alguém roubou o meu telescópio. *Pausa.* Roubou. Eu não sei, ele sumiu. Alguém roubou o meu telescópio astronômico do meu quarto e de mim, Linda, isso não é uma besteira qualquer. Ele sumiu.

**Linda** Sem querer.

**Erwin** Ha. Sem querer. Sem querer tem nome. Eu não posso provar, mas eu tenho uma idéia, de quem fez isso. De propósito. Eu sei, quem quer destruir os meus interesses de propósito. Eles não querem, que você tenha interesses próprios por aqui. Que você tenha idéias próprias. Isso eles não querem. Disso eles têm medo. Que você esteja sozinho no quarto, pesquisando. E as coisas se movam na sua cabeça, isso eles não querem. Por isso as portas têm que ficar abertas o tempo todo. Você tem que se juntar ao coletivo, é isso que eles querem, se integrar, eles dizem; é para você fazer coisas com os outros. Com esses operados de catarata perturbados. Com esses dementes. Mas eu não me deixo ser influenciado. Ser derrotado. Ser integrado. Eu não mencionei o telescópio com nenhuma palavra, até agora, com nenhuma sílaba. Só para você. Você me seduziu até aqui, você tem que saber a verdade sobre o telescópio. Para os funcionários eu não digo uma palavra, nada. Eles não devem achar, que o telescópio é a minha única alternativa, eu tenho outros métodos, para me proteger desse ambiente, não preciso de espaço sideral para isso. Ajudaria, mas não é necessário. Eu estou sofrendo, eu confesso, eu estou sofrendo com a falta do meu telescópio, eu sofro por não saber onde ele está; ele foi levado embora, eu não sei, para onde, mas eu mantenho a compostura.

*Pausa.*

Toda vez, que se fala do telescópio, eu fico com um brilho trágico. Toda vez, que algum dos moradores que não sucumbiu totalmente à amnésia me pergunta, se pode dar uma olhada pelo telescópio, eu invento uma desculpa fajuta.

**Linda** Não pode ser, que você mesmo ande esquecido -

**Erwin** Não pode ser o que -

**Linda** Se não pode ser, que você mesmo ande esquecido e tenha guardado o telescópio em outro lugar.

**Erwin** Se não pode ser -

**Linda** É, não pode ser, que você mesmo -

**Erwin** Não, não pode ser.

**Linda** Não pode ser.

**Erwin** Não pode ser.

*Pausa*

**Linda** Poderia ser.

**Erwin** Não poderia ser.

**Linda** Eu só me pergunto, quem poderia ter sido.

**Erwin** É - mas isso eu não digo. Não digo. *Pausa.* Sabe, você também me conta todo domingo, todo quarto domingo, quando você está aqui, a mesma coisa. Toda vez a mesma coisa. A cada visita. É como catarata no café da manhã, visita de domingo da Linda é como catarata no café da manhã.

*Pausa.*

**Erwin** Tão inútel quanto cenoura.

**Linda** O que.

**Erwin** As suas visitas de domingo - as suas visitas de domingo são tão inúteis quanto cenoura.

*Silêncio.*

**Erwin** Eu sempre me perguntei, por que é tão fácil, vender seguros. Inacreditavelmente fácil, as pessoas compram tudo, que lhes é oferecido. Então eu cheguei à conclusão, de que elas não querem se assegurar contra acidentes ou contra perdas e danos, mas basicamente - basicamente elas querem se assegurar, de que o acidente não vai acontecer. É isso; isso me deixava contente, você vende uma apólice, mas na verdade você está dando de presente a certeza, de que nada de ruim vai acontecer. Seja honesta, pode-se querer mais do que isso -.

**Linda** Eu não quero falar sobre o Finn.

**Erwin** Salvo é claro força maior. Se uma força maior dessas realmente existisse, até mesmo uma corretora de seguros seria impotente, mas a maioria dos acidentes é mesmo consequência de falha humana.

**Linda** Eu não quero falar sobre o Finn.

**Erwin** Quem está falando sobre o Finn. Quem é Finn.

**Linda** Você. Você está tentando fazer uma ponte. O Finn se esqueceu de você. O Finn se esqueceu de nós dois.

**Erwin** Toda vez, que você vem aqui, eu fico melancólico. Quase deprimido. Toda vez, que eu lhe vejo, a catarata do meu café da manhã me sobe ao estômago. Eu tento animar você, a sua cara uma tempestade só. Quem está falando sobre o seu irmão. Você sabe dele, onde ele poderia estar -

*Pausa.*

**Linda** Eu vi um lobo, recentemente. *Pausa.* Bem perto das termas. Veio da mata, correu pro campo, me farejou, ficou parado.

**Erwin** Hmm

**Linda** É, imagina. Um lobo de verdade.

*Pausa.*

**Erwin** *quase adormecendo* Interessante. - Um lobo, é mesmo. Aqui às vezes aparece um javali. Eu tenho uma foto em algum lugar.

**Linda** Eu fiz uma ocorrência. Eu já o vi muitas vezes. Então eu fui fazer uma ocorrência. Na Secretaria do Meio Ambiente. São eles que cuidam desses casos.

*Pausa*

**Linda** Eu acho, que eles vão fechar as termas. Mais cedo ou mais tarde. Ela simplesmente não é mais rentável. Tão acabada. E eu a única funcionária, uma piada. Como eu vou conseguir consertar aquilo tudo. E manter tudo em ordem. *Pausa.* Eu acho, que eles vão fechar as termas, esse ano ainda.

*Pausa.*

**Linda** Sabe, quando os lobos se estabelecerem por aqui, de vez, eu vou ter  
outras oportunidades.  
*Erwin adormece. Linda sonha.*



## 11. Sonho 2

*Linda.*

Vai surgir uma reserva florestal,  
um parque nacional, uma biosfera.  
Os lobos são só o começo, depois vêm os ursos,  
as águias raras, texugos, e vão ter castores,  
até mesmo lontras; só com os alces têm que se tomar cuidado,  
eles tendem à superpopulação, e depois  
faltam alimentos.  
Turistas virão; primeiro a natureza selvagem,  
depois os bichos, depois os turistas.  
As cigarras vão cantar, a nascente vai jorrar,  
e todos vão ter o que comer.  
No final a região vai ser classificada  
como especial, e ganhar um prêmio europeu  
pela sua atratividade.  
E uma coisa é certa, eu vou estar lá, desde o começo,  
Linda, que viu o primeiro lobo da biosfera.  
E o Rainer vai trabalhar lá, o Rainer vai voltar,  
porque vai ter trabalho pra ele, trabalho nada,  
o Rainer vai ser o zelador de tudo.  
O parque nacional, vai ser a sua obra prima,  
dele e minha.  
O Rainer já sabe tudo  
sobre espécies ameaçadas de extinção, ele está estudando  
por iniciativa própria. Ele comprou o Wildlife Standard Edition,  
em dvd, e Crocodile Dundee, vários episódios.  
E comprou roupa nova, numa loja de outdoor online,  
e agora usa um chapéu de guarda florestal  
dobrado displicentemente na borda;  
ele está decepcionado, porque a pele de cobra,  
usada como ornamento e camuflagem, é 100% poliéster.  
Mas fazer o que, o Rainer diz, nem tudo pode ser de verdade.  
Não logo no começo.

## 12. Rastros 2

*Senhor Schmitt, Senhora Schmitt.*

**Senhor Schmitt** Nós vamos esperar pelo bicho.

**Senhora Schmitt** Lá fora.

**Senhor Schmitt** Aqui em casa. Atrás da janela.

**Senhora Schmitt** E depois.

**Senhor Schmitt** Você ali, eu aqui. Nós vamos esperar pelo bicho.

**Senhora Schmitt** E depois. Você quer conversar com ele -.

**Senhor Schmitt** Nós vamos olhar pra ele. De forma amigável e sem -. Sem -.

**Senhora Schmitt** Medo -.

**Senhor Schmitt** Violência. Sem violência. Nós vamos olhar pra ele. Por daqui detrás da janela. Simples assim. Dois olhos, dois olhos, dois olhos.

*Silêncio*

**Senhora Schmitt** E depois.

**Senhor Schmitt** Depois o bicho vai saber, que nós o vemos.

**Senhora Schmitt** Nós o mantemos na mira.

**Senhor Schmitt** Nós não vamos fazer isso. Nós não somos o bicho. Nós olhamos pra ele.

Nós estamos aqui e deixamos o nosso olhar vagar através da janela, e se por acaso alguma coisa cruzar o nosso olhar que vagueia, que se pareça com um bicho, então nossos olhos vão querer repousar nele um pouco. Faz parte do lazer. É humano.

*Silêncio.*

**Senhora Schmitt** Quanto tempo devemos esperar.

**Senhor Schmitt** Até que o vejamos.

**Senhora Schmitt** Toda noite.

**Senhor Schmitt** Até que o vejamos.

**Senhora Schmitt** E quando devemos dormir.

**Senhor Schmitt** Quando o tivermos visto.

*Eles esperam. Nada acontece. O Senhor Schmitt entra, olha em volta. O Senhor Schmitt sai, olha em volta.*

**Senhor Schmitt** *volta com uma guimba de cigarro.*

Olha só, o que eu achei.

**Senhora Schmitt** Onde.

**Senhor Schmitt** Ali.

**Senhora Schmitt** O bicho fuma -.

### 13. Acordado 4

*Finn.*

Do que ele sobreviveu na semana passada:

3 latas de canja (a 800g cada)

2 latas de almôndega (a 400g cada)

3 pacotes de macarrão instantâneo Magia da Ásia (a 125g seco)

Dos pacotes de macarrão instantâneo Magia da Ásia, um já estava aberto, a data de validade vencida, sem mofo, um cheiro azedo.

1 pacote de pão de forma

Depois ele não comeu por 2 dias.

Ele toma o seu remédio para dormir (Nardyl, 1 pílula a 5mg, sem receita); a essas alturas quase sem efeito, ele acorda toda hora.

Ele escreve na parede todos os telefones, que ele sabe de cor. Códigos de área internacionais, códigos de área interurbanos, nome e endereços. Número do trabalho, número de casa, número do celular, horário de atendimento.

Ele escreve na parede os números do seguro de todos os assegurados, que ele sabe de cor. Tipo do seguro, data, valor da apólice. Se o seguro tiver sido requerido, caso tenha sido, o valor pago. Se não, ele calcula o total do pagamento a ser feito na data de vencimento.

Ele escreve na parede o nome de todas as pessoas, que lhe são próximas ou que lhe foram próximas em algum momento da vida; que ele chamaria de amigo ou amiga. Que ele amou ou ainda amava. Por quem ele já sentiu carinho. Ele escreve as suas datas de nascimento na parede e, se for o caso, as suas datas de morte.

Ele escreve na parede, quando a amizade acabou, ou quando o amor foi esquecido. Ele escreve o dia na parede, o ano, a estação do ano e a causa - mentiu pra mim, pegou o carro emprestado e não devolveu, nunca pagou uma conta sequer pra mim, deixa marcas de cigarro no sofá, fede a cigarro por todos os poros, nunca quer sair pra dançar só conversar, implica com os filhos, sempre chega atrasado e depois nunca quer ir embora, não nos entendemos, não temos nada a dizer um ao outro, eu não sei explicar, eu simplesmente não quero mais lhe ver, não, não é nada, não é quase nada, eu só estou cansado, eu estou cansado, eu estou cansado, eu estou cansado -

## 14. À noite

*Thomas. Mônica. (criança.)*

Mônica está enfurnada no supermercado o tempo todo,  
paralelamente o supletivo, para o diploma de ensino médio.  
Funciona pelo correio e no computador.  
Noite após noite ela senta lá com os seus deveres,  
meticulosa, eles precisaram instalar uma banda larga especialmente por isso, ela fez  
questão, para agilizar, tudo;  
mesmo assim, o supletivo vai demorar, ele teme  
as noites, em que ela fica olhando para o monitor,  
enquanto ele para a televisão, assim que a criança vai dormir,  
inquieta e com os cabelos molhados, se ele ao menos soubesse  
porque, será que tem alguma coisa errada na sala de aula,  
pra qual a criança vai, toda manhã ela entra no ônibus escolar,  
quando perguntada, ela se cala, o que se pode  
fazer, ele vai até a geladeira, ela esqueceu  
de botar as latas de cerveja na geladeira, ele pega um copo,  
quebra o gelo da bandeja no congelador, o alumínio morno,  
um estalo, pingos mornos, a espuma escorre pelas suas mãos,  
a tampinha ele joga na pia,  
mesmo assim, o supletivo vai demorar, ele teme  
as noites, em que ela olha para o monitor,  
enquanto ele na frente da televisão, no máximo um passeio de meia hora  
pela rua antes de ir dormir, ele consegue convencê-la,  
depois ele quer segurar a sua mão, pega a mão e  
encosta a cabeça no seu pescoço, se ao menos o céu  
estivesse mais claro nessas noites, o céu se fecha  
bem na hora do passeio, ao longe  
a cidade numa redoma de luz plácida,  
quase sem esperança, conversar sobre o que agora, assim  
o romantismo não tem vez.

## 15. Perguntas 1

*Mira. Josef.*

**Mira** Nós já tivemos essa conversa.

**Josef** Por que é tão difícil.

**Mira** Por que é tão difícil. Nós já tivemos isso. Por que é tão difícil.

**Josef** O que facilitaria as coisas.

**Mira** Ai cara.

*Pausa.*

**Josef** A minha mãe me deixou um dinheiro. Eu poderia começar uma coisa nova. Talvez. Uma outra profissão. Algo que tenha a ver com a vida, não com a morte. Nada de morto, de enterro. Se fosse facilitar as coisas.

**Mira** Hilário. Eu olho pra ele e falo, na sua idade -.

*Pausa.* Ele deixa a cabeça cair, assim pra frente - agora eu tô totalmente aflita. Aha, ele diz, sei sei -

**Josef** É a idade então.

**Mira** - foi o que eu pensei.

**Josef** Foi o que eu pensei.

**Mira** Tá vendo, você tá errado, porque não é a idade, é a diferença de idade -. *Pausa.* Ele não se deixa irritar.

**Josef** Infelizmente isso eu não posso mudar.

**Mira** Infelizmente isso eu também não posso mudar. Ele faz cara de coitado. Eu ainda vou ter que te botar pra cima. Cara, foi uma piada.

**Josef** Eu não te amo, porque você é menor de idade. Eu te amo e pronto. Se você fosse mais velha, seria igual.

**Mira** Sei sei.

**Josef** Igualzinho.

**Mira** É difícil de se provar, né.- *Pausa.* Não precisa ficar com mais cabelo branco ainda, foi só uma brincadeira - não tô nem aí pra sua diferença de idade.

**Josef** Qual é o motivo. Por que é tão difícil.

**Mira** Agora ele tá se torturando de novo.

*Silêncio.*

**Mira** Eu já te disse. Não tem outro motivo. Você pode continuar fuçando dentro de mim, que não vai encontrar outro motivo. Eu não sei, quem é o meu pai. Como eu posso ter um filho, se eu mesma não sei, de onde eu venho.

**Josef** Você não pode querer tirar o nosso filho, só porque ele não vai conhecer o avô -

**Mira** Eu não conheço a mim mesma, esse é o problema. O pai, que eu tenho em casa, não é o verdadeiro, e quem o verdadeiro é, nós não sabemos. Eu não consigo superar isso. *Pausa.* Não que tenha sido fácil pra minha mãe; ela tentou um tempão com o pai, que não é o pai verdadeiro, e depois ela teve que tentar um tempão com o pai de doação também, quer dizer com a ejaculação doada dele, é o nome que ela deu; quando a conversa vai por aí e ela não tem como fugir, e ela tem que dizer, então, sem jeito, ejaculação doada, ela diz, ejaculação doada. Então eu sou fruto de uma ejaculação doada, e mesmo assim ela precisou de umas 10 operações e tal, com ela nada funciona de primeira.

*Silêncio.*

**Josef** É. - Você já me contou.

**Mira** Hmm. - Não é agradável pra mim.

*Silêncio*

**Mira** O que é -. Quantas vezes mais você ainda vai querer ouvir isso.

*Pausa*

**Josef** Eu disse, que eu encontro o seu pai verdadeiro. Aí vamos ter paz.

**Mira** E aí - você descobriu alguma coisa. Algum resultado.

*Silêncio*

**Mira** Tá vendo. E você me pergunta, porque é tudo tão difícil. Nenhum resultado é difícil. Por exemplo.

**Josef** Eu ainda estou vendo.

**Mira** Assim não se acha pai nenhum.

**Josef** Eu estou cuidando disso. - Eu estou seguindo um rastro. As chances são boas. Um pouco de paciência.

**Mira** Você fica falando de rastros e paciência. É fofo. E acontece alguma coisa. Quer dizer, vai acontecer alguma coisa em breve.

*Pausa*

**Mira** A minha mãe - ela não conhece o cara, ela não sabe, que cara ele tem, que cheiro ele tem e o que ele gosta de comer. Se ele usa terno, se ele tá ficando careca, se ele passa mal andando de ônibus, se ele é temperamental. Ela não pode nem odiar os defeitos dele. E eu também não.

*Pausa.*

Ele é só esperma. Mais nada. Só esperma. Uma gosma de esperma num laboratório de punheteiro. De algum estudante de medicina de merda que folheando alguma revista de sacanagem de merda gozou em algum copo plástico de merda e foi congelada por alguma enfermeira de merda com dedos de luva de plástico.

**Josef** Não é, que eu não te entenda.

**Mira** Comovente.

**Josef** É sim -. Imagina, que você finalmente sabe, eu tenho o cabelo do meu pai, e a pele da minha mãe, e os dentes tortos do meu pai e por aí vai. Essa porcaria toda -

**Mira** O que você tá querendo me dizer.

**Josef** Vai adiantar pra que. *Pausa.* Se você souber, quem ele é, talvez prefira não ter nada a ver com ele.

**Mira** Isso quem decide sou eu, quando chegar a hora. *Pausa.* Quando eu olho assim, na rua, poderia ser qualquer um com mais de 35. - Você, você poderia ser o meu pai. É de arrepiar.

**Josef** Não.

**Mira** Tem certeza. Você nunca deixou o seu esperma jogado por aí -. Nunca deu de presente -. Nunca doou -.

**Josef** Eu já deixei rastros, mas eu sei, onde eu deixei rastros.

**Mira** Tem certeza -.

**Josef** Mira - agora chega.

*Pausa*

**Mira** E ele diz, o meu Josef Compaixão diz, de novo, eu cuido disso. Eu acho, algo assim, eu cuido disso. Ele por acaso é da máfia. Ele cuida disso. Mas eu não tô mais nem ouvindo. Me dá mais um tempo, ele diz, Josef o paciente, mas eu não tenho mais tempo. Tempo nenhum. Eu vou lá marcar uma hora.

*Pausa.*

Eu queria tirar. Chega o dia, 9:45, eu acordo cedo, tomo banho, me visto, pego a bolsa, vou até a porta -

*Pausa.*

- e aí eu acabei ficando em casa. - Me sentei no sofá e passei a manhã toda sentada ali. Eu não sei, o que eu tava pensando.

## 16. À sós

*Gabi. Rainer (Tschecki).*

Nós fomos ver um apartamento. Claro que tinham outras cento e cinquenta pessoas lá, de verdade nem dava pra ver o apartamento, a maior multidão. Nós ficamos até o final, até não ter mais ninguém, só um casal, discutindo no banheiro com o corretor - e nós ficamos imaginando, como seria se. Se nós dois aqui, à sós. *Pausa.* Claro que era só fake, uma brincadeira. Tava claro.

E de repente o Tschecki vai pra janela, olha pra fora, eu não conhecia esse lado dele, com um olhar sentimental, como se o bicho de estimação dele tivesse acabado de pular pela janela e sido atropelado lá embaixo e tal -, diz: -

- A vida poderia ser tão boa.

Eu não sabia, mesmo, eu não sabia, o que dizer. Ele tava falando sério. Eu sou um tipo mais prático. Não, que eu quisesse lhe dar um toque, mas, eu digo:

-É. - Poderia. - E é.

Nenhuma resposta. Fica ali, meio suspenso no ar. Eu acho, ai ai, que alguma coisa ele tem. Alguma coisa tá acontecendo.

- Querido, é sim -.

Eu, cuidadosamente, eu falo isso com a leveza de uma pluma.

- É boa sim, a vida. - Olha pra mim. E aí, tá feliz -.

*Pausa.*

Nenhuma reação. Nem levanta a cabeça. Foi perturbador. Agora eu fico imaginando se eu, Gabi, fosse um desses travesseiros, um travesseiro bem macio e felpudo, e eu ia tentar convencê-lo, a descansar a cabeça em mim, no travesseiro, vai ficar tudo, tudo bem.

-Tschecki, então você tem que se esforçar um pouco, pra achá-la boa.

- Pra viver.

- É. Pra viver. Se esforça.

- Não adianta. O meu esforço não adianta nada. Não é suficiente.

Eu fico pensando.

- A vida, é como aprender a falar. Ou a ler. Ou a nadar.

- Eu não sei nadar.

- Então dirigir.

*Pausa.*

- Eu não sei, como se faz.

- Tschecki, qualquer um consegue. Qualquer um pode aprender. Qualquer um mesmo.

Ninguém é tão estúpido assim.

*Pausa.*

Depois eu me arrependi, de ter dito isso, me arrependi mesmo. Então:

- Qualquer um pode aprender. Qualquer um mesmo. Ninguém é tão estúpido assim.

*Pausa.* A vida é tão simples. *Pausa.* Você tem que gostar dela. - Eu não sei ser de outro jeito, isso foi o melhor, que me veio à cabeça. E o Rainer: Eu tô tão cansado, ele diz, eu tô tão cansado.

Aí eu me lembrei do meu travesseiro, e eu o abracei, e o levei pra casa; e aí eu lhe dei um remédio fraco pra dormir, embora ele provavelmente nem precisasse dele.



## 17. Domingo 2

*Linda. Erwin.*

**Linda** Eles vão fechar as termas, esse ano ainda. *Pausa.* Então você também vai ter outras oportunidades.

**Erwin** Interessante. E elas seriam.

**Linda** Por exemplo, num parque nacional por exemplo, sempre se precisa de alguém, que entenda do clima, e que fique de olho no céu imprevisível, com um telescópio astronômico, por exemplo.

*Silêncio.*

**Erwin** Eu estava cochilando, não é.

**Linda** Eu acho que sim, é.

**Erwin** E você estava sonhando. Linda, você sempre foi uma sonhadora.

**Linda** E daí.

**Erwin** Você tem que fazer alguma coisa.

**Linda** Como assim.

**Erwin** O ônibus, é, diminuíram a quantidade de ônibus.

**Linda** E daí.

**Erwin** Não vale a pena, eles dizem. Não vale a pena nesse trajeto. Não há passageiros suficientes nesse trajeto. Nós não somos rentáveis o suficiente. Ele agora só vai para a cidade duas vezes por semana, o ônibus só vai duas vezes por semana para a cidade. Como se estivessemos aqui num planeta em extinção. Como eu vou conseguir sair daqui -

**Linda** Para onde você quer ir -

**Erwin** Só para um outro lugar, de tempos em tempos. *Pausa.* Ver o seu irmão, por exemplo.

*Silêncio*

**Erwin** Ele é seu irmão. - Por que eu não o vejo nunca.

*Silêncio.*

**Erwin** Por que eu não o vejo nunca. Ele trabalha numa corretora de seguros. Lá se está seguro. Ou não. Lá tudo é certo, para a vida toda. É quase tão bom quanto ser funcionário público. Em nenhum outro ramo se tem mais segurança.

**Linda** Nós não sabemos sequer, onde ele mora.

**Erwin** Mas poderíamos descobrir, se quiséssemos.

**Linda** Se ele quisesse; se o Finn quisesse, que nós descobríssemos, aí talvez. - Ele não nos quer, Erwin, ele não quer ter contato.

**Erwin** Uma corretora vive de contatos. Ter contatos é tudo -

**Linda** Profissionalmente, sim -

**Erwin** Não, contatos pessoais. Se você separa os contatos de trabalho dos contatos pessoais e depois junta tudo de forma errada, dá curto-circuito. *Pausa.* Eu quero saber, como ele está. O que ele faz, como ele vive. Eu quero vê-lo mais uma vez -

**Linda** Olha pra mim. Ele é a minha cara. Só mais masculino.

**Erwin** Antigamente talvez. Mas agora. Tanto tempo se passou, tanto tempo. - Se você conseguir, encontrar o Finn, eu opero a catarata. Por você.

*Silêncio.*

**Erwin** Aconteceu uma coisa. - Você está me ouvindo.

*Silêncio*

**Erwin** Ontem morreu o Stapler. Não daqui a um ano, não talvez, foi ontem. Os grilos estavam cantando. E eu vi. De óculos.

**Linda** Eu não conheço nenhum Stapler.

**Erwin** Você se lembra, o General Stapler, do quarto aqui em frente. - Se cagou todo morrendo. No minuto, em que a morte chegou, ele fez a festa no pinico; eu mesmo vi, não tinha como não ver, eles deixaram a porta aberta; de novo. *Pausa*. O olhar dele estava leitoso.

*Silêncio*.

**Erwin** Eu acenei pra ele. - É, de verdade. Eu acenei pra ele como despedida.

*Silêncio*.

**Erwin** Nós fomos nadar juntos. No verão. Esse ano ainda, no verão. Na piscina da Rua da Ponte. O ônibus ainda estava circulando. - Em setembro pela última vez. Em setembro nós fomos pela última vez à piscina. Eu nadei várias raias, ainda chego a vinte, de verdade, a vinte. Ou quinze. Eu não sei direito. Na décima eu sempre paro de contar. Dez já é um bom treino, qualquer coisa além disso é luxo. Ele ficava só batendo perna, o General. Batendo perna na piscina pequena. - Ali eu já sabia, que alguma coisa estava errada.

*Silêncio*

**Erwin** Eu acenei pra ele como despedida.

*Silêncio*.

**Erwin** Ele nem me viu. Mas tanto faz. *Pausa*. Adeus, eu gritei. Adeus, General, seu monte de merda velho. *Ri, satisfeito*. Adeus, seu monte de merda velho. E boas entradas.

*Erwin ri.*

*Linda ri também.*

*Silêncio. Erwin parece adormecer de novo.*

*Linda vai embora.*

*Silêncio.*

**Erwin** Você precisa me tirar daqui.

Por favor -

Filho -

Me leva com você -

Me leva com você -

## 18. Acordado 5

*Finn.*

Ele não tinha feito compras. A prateleira estava vazia, as duas painéis também.

Ele pegou a carteira e esvaziou o conteúdo sobre a mesa. Só moedas. Ele as espalhou sobre a mesa, até as bordas não se encostarem mais, sem contá-las. Moedas pequenas, finas de centavos estavam entre elas, escurecidas pela sujeira e pelo suor de tantas mãos, moedas mais pesadas, parecendo latão versado, e, sempre intactas, as prateadas brilhantes com as bordas douradas.

Ele não tinha feito compras. Ele calculou por alto a quantia, na mesa à sua frente e o que ele conseguiria comprar com aquilo. Daria para um kilo de arroz, um pacote de café, uma lata de feijão. Daria pra dois, três dias, talvez quatro, agora, que ele tinha se acostumado com pouco.

Ele se imagina, descendo e indo em direção ao supermercado. Na escada os músculos da sua coxa começariam a tremer, antes que ele abrisse a porta, o ar fraco lhe pesaria no peito, na rua, à luz do dia ele desmoronaria, sem ter falado com mais ninguém.

Ele bebeu um copo d'água. Ele calculou por alto a quantia, na mesa à sua frente e o que ele conseguiria comprar com aquilo. Daria para um kilo de arroz, um pacote de café, uma lata de feijão. Ele ficou com água na boca. Ele decidiu, que seria o suficiente para amanhã. Ele bebeu um copo d'água. E para depois de amanhã. Com certeza para depois de amanhã.

## 19. 43 Anos

*Delegacia de polícia. Thomas. Ira.*

**Ira** Eu estava dormindo.

**Thomas** Que dia foi.

**Ira** Foi na quarta-feira à noite. Ou na quarta-feira à tarde. Eu não tinha ido para a cama.

Eu estava sentada numa cadeira, e adormeci. Era uma poltrona pequena, eu adormeci na poltrona. Eu só acordei, muitas horas depois.

**Thomas** Foi à noite.

**Ira** Foi no crepúsculo, era de manhã, por volta de 4:30. Dava pra ouvir os pássaros. Eu me levantei e olhei em volta. Eu estava sozinha.

**Thomas** A senhora não se assustou.

**Ira** Não.

*Silêncio. Ira cantarola.*

**Ira** Não. - eu ouvia os pássaros cantando. Eu abri a janela. Estava frio lá fora. Eu deixei a janela aberta, mesmo assim, eu gosto disso, eu gosto do frio, eu gosto de como a pele fica tensa, ardendo, ardendo de tão gelada. *Pausa.* Eu abri a janela e fui finalmente me deitar na cama.

**Thomas** Para dormir.

**Ira** É. Eu estava sozinha.

*Silêncio.*

**Ira** É. Foi assim. Eu adormeci, e enquanto eu dormia, ele foi embora.

**Thomas** Quando a senhora começou a ficar aflita.

**Ira** Quando eu comecei a ficar aflita. - Me deixa pensar.

*Pausa.*

**Thomas** Ele não deixou nenhum bilhete -

**Ira** Deixou -. O senhor acha, que ele poderia estar morto -

**Thomas** Deixou lá, com a senhora -

**Ira** Não.

**Thomas** Nenhum bilhete, nenhum recado, alguma anotação -

**Ira** Não. Não. Ele não me deve satisfação, se quiser sair do hotel.

**Thomas** Se quiser sair do hotel, talvez não, mas se ele não tem mais intenção de voltar.

**Ira** Por que ele não iria mais querer voltar -

**Thomas** Porque ele - ele achou, que tudo poderia ser melhor em outro lugar, para ele. Perspectivas melhores.

**Ira** O senhor não deveria me ofender. *Pausa.* Eu acho, que pode ter acontecido alguma coisa com ele.

*Pausa. Ira cantarola sussurando.*

**Thomas** Ambos são estrangeiros, de passagem, hóspedes num hotel. Por que o seu marido sai sozinho, sem casaco, sem bolsa, sem dizer nada para a senhora.

**Ira** Ele queria dar um passeio. Eu estava dormindo, e ele queria dar um passeio. O senhor lembra a sua mulher, quando o senhor quer dar um passeio.

*Silêncio.*

**Ira** Me diz.

**Thomas** Eu não sei. Numa cidade desconhecida talvez sim. É. Numa cidade desconhecida eu a acordaria. Ou eu não iria sem ela. Ou eu deixaria um bilhete. - Provavelmente eu não iria sem ela.

**Ira** Foi o que eu pensei. Nós não somos como o senhor. Nessas coisas, nessas coisas bobas, nós prezamos a nossa independência. *Pausa.* Eu não sei se o senhor pode me ajudar. Tem mais alguém aqui.

**Thomas** Não, não, não tem mais ninguém. - Sair do hotel num lugar desconhecido ao cair da noite sem casaco ou jaqueta e sem bolsa, isso é uma coisa boba.

**Ira** Eu acabei de explicar. É, isso é uma coisa boba.

**Thomas** O que seria uma coisa importante então; uma coisa, que valeria a pena ser comunicada.

**Ira** Se ele tivesse atravessado a fronteira. Pro exterior. É, se a intenção dele fosse ir pro exterior, ele teria me acordado. Eu tenho quase certeza. Isso seria - bom, não uma coisa importante, mas uma coisa que valeria a pena ser comunicada.

**Thomas** Ele estava com dinheiro.

**Ira** Eu não sei. Eu não vi, se estava faltando alguma coisa. Mas eu presumo, que ele tenha levado dinheiro. Ele não é burro. Quem sai do hotel sem dinheiro.

**Thomas** A senhora acha, que poderia ter acontecido alguma coisa com ele.

**Ira** É, ele pode ter sido assaltado por conta do dinheiro.

**Thomas** Bom, nós temos a descrição da pessoa, conhecemos as circunstâncias - se encontrarmos o seu marido, avisaremos a senhora.

**Ira** É só isso.

**Thomas** É só isso.

**Ira** O que o senhor vai fazer -. Faz alguma coisa - procura por ele.

**Thomas** Ele foi dado como desaparecido, agora.

*Pausa.*

**Ira** Dado como desaparecido. *Ri.*

*Canta...*gracias doy a la desgracia  
y a la mano con puñal  
porque me mato tan mal,  
y seguí cantando, cantando

...

Eu não vou embora daqui.

**Thomas** Senhora Davidoff -

**Ira** Eu não vou embora daqui. Eu vou esperar, até o senhor encontrá-lo.

**Thomas** A senhora ainda está no hotel.

**Ira** É, eu fiquei por lá. No mesmo quarto até.

**Thomas** Deixa alguém levá-la até lá, liga a televisão, espaille um pouco. Olha só, só se passaram três dias desde quarta-feira - a senhora pode ter razão: O seu marido foi dar um passeio; talvez ele tenha entrado num barco, dado um passeio no rio, no caminho ele adormeceu, como a senhora, ele acordou numa cidade desconhecida, num outro porto, ele precisa se orientar e amanhã mesmo ele volta.

**Ira** O senhor está querendo me consolar, que maluquice é essa que o senhor está falando.

**Thomas** A senhora mesma disse, que é uma coisa boba. Um passeio à noite sem casaco e sem aviso é uma coisa boba, nada demais.

**Ira** O meu marido se foi numa quarta-feira à noite -

**Thomas** Sei -

**Ira** Não na quarta-feira passada, seu idiota incompetente - eu lá tenho cara de uma dona de casa estúpida, o senhor me acha histérica, eu lá viria correndo até aqui depois de 3 dias pedindo socorro -

**Thomas** Hmm -

**Ira** Foi numa quarta-feira à noite há 43 anos, seu imbecil. 43 anos se passaram, desde que o meu marido desapareceu daquele quarto de hotel, e com certeza, não porque ele queria me abandonar. Alguma coisa aconteceu com ele.

*Silêncio.*

**Thomas** É muito tempo. *Pausa.* É a minha vida inteira.

*Pausa.*

**Ira** Eu não sou mais jovem. *Pausa.* Eu estou começando, a sentir a sua falta. *Pausa.* Eu estou sentindo falta dele.

## 20. Acordado 6

*Finn.*

Então ele se lembrou das moedas. Ele tinha guardado os trocados, que sobravam no final de cada viagem. Ele pegou a caixinha; antigamente ele as separava por países, forint, gulden, francos e liras. Ele não se apressou, fez pequenos montes. Depois ele os destruiu e juntou todas as moedas num único monte. Então ele começou.

No meio ele se engasga uma vez, se machuca, sufoca. As poucas gotas de sangue ele cospe num lenço enrolado, que está enfiado no bolso da sua calça.

*Eu coloquei uma das moedas entre os dedos. 1Peseta. Ela era pequena e tinha um brilho fosco. Eu brinquei com ela na boca, empurrei-a para debaixo da língua e para a bochecha, de um lado para o outro. O gosto dela. O gosto dela era diferente na gengiva e na garganta. Ela tinha gosto de sangue e de musgo. Então ela escorregou garganta abaixo, num piscar de olhos. Eu a engoli. Eu tive que rir. Eu peguei uma segunda moeda do monte, uma terceira, eu peguei uma depois da outra, até não sobrar mais nenhuma. Eu comecei, a guardar dinheiro, no meu próprio corpo. Não é. A digeri-lo. Eu comi aquilo, que antes nunca me bastara e que agora me faltava, deliberadamente e com toda calma.*

## 21. Rastros 3

*Senhor Schmitt. Senhora Schmitt. Josef.*

**Senhor Schmitt** Eu encontrei ele no jardim. Atrás do sabugueiro.

**Josef** É uma pena. - Uma pena, que você tenha me visto. Vocês não deveriam se sentir incomodados.

**Senhora Schmitt** O que ele quer de nós.

**Josef** Ele quer ficar perto de vocês. Ele quer observá-los.

**Senhora Schmitt** Estudar os nossos hábitos. Espiar o nosso dia-a-dia. Forçar a nossa cerca, tomar posse do nosso jardim, da nossa casa, da nossa garagem - e da nossa renda. É isso que ele quer.

**Senhor Schmitt** Nós não somos ricos.

**Josef** Ele quer conhecer a sua vida. As situações externas. Mas mais ainda as situações internas.

**Senhor Schmitt** Nós não somos nada de mais.

**Josef** Ele está interessado em vocês. Sem restrições, sem limitações, sem ameaças.

**Senhora Schmitt** Esse interesse é totalmente unilateral.

**Josef** É uma pena, que você tenha me visto. Vocês não deveriam se sentir incomodados. Vocês deveriam se comportar como sempre. Agora isso não é mais possível é claro. E como não dá mais para voltar atrás, eu tenho um pedido a fazer.

**Senhor Schmitt** Que bom, que você é uma pessoa gentil. Vamos negociar de forma gentil. Sem briga, sem violência, não é mesmo.

**Josef** Eu peço a vocês, que me mantenham aqui, como seu convidado.

**Senhora Schmitt** Você quer ficar.

**Josef** Se não for nenhum incômodo, com prazer. Obrigado.

**Senhor Schmitt** Por quanto tempo.

**Josef** Até que eu saiba o suficiente a seu respeito.

*Pausa.*

**Senhora Schmitt** O que vamos fazer. Podemos fazer alguma coisa. Vai ser ruim.

*Pausa.*

**Senhor Schmitt** Nós temos alguma coisa a esconder. - Não. - Temos segredos um com o outro. Não. - Ou você tem algum segredo, Ida -

**Senhora Schmitt** Que tipo de segredo -

**Senhor Schmitt** Se você tiver algum segredo, Ida, seja corajosa e fala agora. Eu vou superar. O que quer que seja.

**Senhora Schmitt** Não -.

**Senhor Schmitt** Nós recebemos uma visita agradável, Ida, que vai ficar por uns dias.

Uma visita dessas nos fará bem. Nós fomos observados. Nós convidamos o nosso observador. É um progresso.

**Senhora Schmitt** Nós fomos observados. Nós achamos, que fosse um bicho.

**Senhor Schmitt** Nós achamos que você fosse um bicho. Achamos que os seus rastros fossem os rastros de um bicho. A sua presença foi silenciosa. Você bem poderia ser um satélite no espaço. - Você se lembra, Ida, sobre o que falamos recentemente.

**Senhora Schmitt** Você quer dizer, sobre o que temos pensado há um tempo.

**Senhor Schmitt** Eu acho, que nós pensamos o mesmo.



**Senhora Schmitt** Ninguém mais vai ter carteira de identidade; carregaremos o nosso código genético num chip, implantado na retina do olho esquerdo.

**Senhor Schmitt** Do espaço poderá se achar qualquer pessoa a qualquer hora em qualquer lugar. Mesmo com névoa, à noite, com nuvens ou durante uma tempestade, não importa, com a ajuda do chip pessoal a pessoa é localizada sempre. O local está registrado no chip, no chip com o código genético, implantado no olho.

**Senhora Schmitt** Quem arrancaria o próprio olho.

**Senhor Schmitt** Quem arrancaria o próprio olho para atravessar uma fronteira despercebido.

**Senhora Schmitt** Será impossível, se perder.

**Senhor Schmitt** Ou desaparecer.

**Senhora Schmitt** Ou não ser identificado.

**Senhor Schmitt** Alguém vai saber tudo a nosso respeito. - Eu não tenho medo do futuro.

**Senhora Schmitt** Enquanto eu estiver com você, eu também não tenho medo. Só não quero me separar de você.

**Senhor Schmitt** Você não precisa ter medo, Ida. Ninguém mais precisa ter medo. - Só uma coisa, me preocupa.

**Josef** O que -.

**Senhor Schmitt** Nós temos uma filha. Ela tem 25. Mora na Tasmânia, com o marido. Nenhum neto. Ela também fará parte do seu projeto de pesquisa -.

**Josef** Você tem mais filhos.

*Pausa.*

**Senhor Schmitt** Não diretamente.

**Senhora Schmitt** Gerhard -. Não fala nada.

**Josef** Quando você era jovem, estudante de medicina, você participou de estudos sobre reprodução.

**Senhora Schmitt** Não. Ele não fez isso.

**Josef** Você não financiou os seus estudos, com doações eventuais, ejaculações eventuais.

**Senhora Schmitt** Não. Ele não fez isso.

**Josef** Vamos dar nome aos bois, você vendeu a sua coisa para um banco de sêmen.

**Senhor Schmitt** A Ida e eu, nós ainda não nos conhecíamos. Teve um tempo, em que eu-

**Senhora Schmitt** Você já foi generoso, Gerhard. O meu marido foi generoso por um tempo. Foi um erro.

**Senhor Schmitt** Eu fui imprudente, leviano com a minha herança genética, é verdade. Faz muito tempo. Eu era jovem. Havia uma certa abundância. Enfim, isso não faz mais parte da nossa vida. Já passou. Agora você sabe de tudo.

**Josef** Você nunca quis saber, o que aconteceu com a sua herança genética. Quantas podem haver, pessoas afinal de contas, parecidas com você.

**Senhora Schmitt** Isso não faz mais parte do nosso mundo. O que foi dado está dado.

**Senhor Schmitt** Eu dei e uma outra mulher - desculpa, Ida - pegou. Eu fui pago. Não foi muito, mas por favor, na época me deu uma certa - desculpa, Ida - me deu uma certa satisfação, eu confesso. Mas depois chegou a hora de acabar com aquilo.

**Josef** A essas alturas você já poderia ser avô.

**Senhor Schmitt** Você vai ficar alguns dias, não é verdade. Dá uma olhada na nossa casa, na nossa vida. Você vai constatar, que ela é bem cheia. Cheia até a borda. A minha mulher e eu, e a filha da Tasmânia, não cabe mais nada, já estamos no nosso limite de capacidade. Você pode dormir no tapete. O banheiro de visitas é no porão. Presta atenção com a cabeça ao descer, o teto é baixo.

**Senhora Schmitt** Então vamos fazer o jantar agora, e depois ligamos a televisão.

## 22. Férias

*Thomas. Mônica. (criança.)*

Thomas e Mônica foram com a criança para a Holanda. As primeiras férias em muito tempo. Foi a Mônica quem quis: Eu preciso aprender a língua. Um vilarejo rodeado de pastos e prados, que se estendem infinitamente até a represa; atrás da praia do escuro mar Frísio, dá para sentir a brisa do mar. Outono.

Eles passeiam pelos campos onde a colheita já foi feita, eles não têm mais o que dizer um ao outro. A criança correndo de um lado pro outro os separou de brincadeira, ela agora já está bem na frente, e os três se afastam como pequenos planetas em órbitas confusas. Thomas vê, como a criança e depois a mulher chegam ao topo da represa, ambos se viram para ele, olham na sua direção sem acenar e depois desaparecem atrás da represa. Ele está sozinho.

Continuar, ir muito além, se deixar levar pelos pés. Os campos são abertos, e o céu é amplo, e não há nada a fazer além de se jogar contra as eternas rajadas de vento, e ver o tempo passar. Ele gostaria, de não ter que lutar.

A represa se curva na sua frente húmida e cheia de areia. Ele seguiu na mesma direção. Ele sobe, sem tirar as mãos do bolso, se esforça, para manter o equilíbrio, pára no meio do caminho e olha em volta tentando recuperar o fôlego, depois continua, feliz de repente, tira o boné, sente o vento balançar os seus cabelos, areia no nariz e entre os dentes - ele corre com passos largos, tropeça e escorrega, rindo, até o topo da represa e se assusta ao ver, a mulher e a criança lá longe, de mãos dadas, banhadas pela maré alta, lutando, para não serem levadas pela água.

Dois, três, quatro, cinco segundos se passam, em que ele assiste a tudo admirado, fica olhando aquelas duas pessoas, que fazem parte da sua vida, então ele sai correndo com movimentos súbitos, na sua direção.

## 23. Surpresa

*Delegacia de polícia. Thomas. Gabi, com marcas de estrangulamento no pescoço.*

**Thomas** Uma surpresa - você ficou contente.

**Gabi** Claro que eu fiquei contente. - Não é todo dia que se come na casa de um ministro, não é todo dia que se é convidado pra comer na casa de um ministro. Pelo menos eu não.

**Thomas** E o seu namorado, o Senhor - Machatschek -

**Gabi** - Rainer. Eu o chamo de Tscheki.

**Thomas** - ele tem esses contatos. Ele está bem no topo da mala direta. Bem no topo da lista.

**Gabi** Claro que não. O Tscheki vende roupas esportivas; que alguém como ele seja convidado pelo ministro, é inusitado. Mas dessa vez aconteceu. Isso é que foi legal. Um jantar, só pra 10-12 pessoas. Incluindo nós dois, Tscheki e eu. Eu não ia perder uma oportunidade dessas. Eu acho que o ministro deve ter lá os seus motivos, e se não tiver, se ele não tiver nenhum outro motivo além de querer se aproximar do cidadão comum, pra mim tanto faz.

**Thomas** Então você fez um esforço. Se arrumou toda.

**Gabi** O longo vermelho carmin com babado no decote.

**Thomas** Você estava muito bonita com certeza.

**Gabi** É.

*Silêncio.*

**Gabi** Não é verdade. Eu tava com o meu terninho cor de salmão, o único, que eu tenho. É discreto, elegante, nada chamativo. Foi assim, mesmo. *Silêncio.* Eu não queria dar uma de gostosa, a ruiva vulgar que não sabe se comportar. Eu queria causar uma boa impressão. E o Rainer nem conhece o ministro, nunca tinha visto ele na vida. Eu acredito em tudo que ele fala.

**Thomas** Isso é normal, quando há um vínculo emocional entre duas pessoas.

*Pausa.*

**Gabi** É, é isso. - Okay. Nós fomos em direção a Himmelpfort, saímos da rua principal, nos perdemos. Aparentemente.

**Thomas** O jantar não era na cidade.

**Gabi** Não tinha nenhum jantar, o jantar era uma invenção. Uma cilada. O que ele disse, foi que seria na casa de final de semana do ministro adjunto. Que também estaria presente. A mulher dele também. O que o senhor acha.

**Thomas** Eu não acho nada. No seu lugar eu também ia querer acreditar.

**Gabi** Tava escuro, não tínhamos nenhum mapa. E nenhuma dessas coisas de satélite, o Senhor Machatschek não precisa disso, é o que ele diz. Agora eu vou pra outro lugar.

**Thomas** No escuro.

**Gabi** Na minha história. Uns 6 meses atrás eu emprestei três mil euros pro meu namorado Rainer Machatschek, da minha poupança, quer dizer, esses três mil euros, eram praticamente a minha poupança toda, e volta e meia eu preciso dela, quando eu mesma fico dura; o Rainer queria o dinheiro, aparentemente, pra comprar um carro novo e queria me pagar de volta em prestações. Ele não fez nem uma coisa nem outra, e agora, quer dizer, seis meses depois, eu também preciso comprar meias novas, eu queria o meu dinheiro de volta. Numa boa: sem juros. Então. Imagina,

escuro, carro, mato, nós estamos perdidos, eu começo essa conversa inocente sobre o dinheiro que tá me fazendo falta, eu digo, pro Rainer, cadê o dinheiro. Ele diz, segunda-feira eu te dou. É sábado à noite. E ele, segunda-feira eu te dou. Tudo bem, eu digo, satisfeita à princípio. E onde nós estamos. E onde tá o ministro com o seu jantar. O Rainer - pára, pra procurar o endereço na mala do carro. Eu digo, como o endereço do ministro foi parar na mala do carro. Endereços são guardados no porta luvas, ou no celular, ou num pedacinho de papel no quebra sol. O Rainer, esse malandro elegante, desce do carro, procura, volta, diz, que não tá encontrando o endereço certo, por conta dos endereços todos na mala do carro, tantos diferentes, e por conta desses endereços todos e da nossa briga, ele agora ficou confuso - Tudo bem Tschecki querido, quer que eu procure? Não não, ele me interrompe, não, eu não precisava procurar, ele não tinha encontrado o endereço - é verdade - mas - em compensação ele tinha encontrado outra coisa, uma surpresa, que ele tinha pensado em me dar pra completar essa noite tão especial, e que agora, já que era um bom momento, ele queria me mostrar -

- Na mala do carro? - É, entre as muitas coisas guardadas na mala do carro, entre as quais ele tinha procurado em vão o endereço da casa de campo do ministro suplente, ele encontrou um presente, que ele tinha pensado em me dar como surpresa numa ocasião especial, que ele tinha comprado pra mim e escondido na mala do carro, uma corrente, pronto falei, um collier, com muitos cristais pequenos e um rubi.

**Thomas** Foi isso que ele comprou com os seus três mil euros em vez do carro.

**Gabi** É, me pegou de surpresa. - E eu digo isso pra ele, eu digo, você me pegou de surpresa. Nós deveríamos estar num jantar, mas em vez disso estamos confusos e perdidos no meio do mato, escuro, eu não tô congelando, por favor, também não é assim - e você me vem com essa corrente de mala de carro. Então, o senhor agora é ele.

**Thomas** O que ele diz. Eu quero colocá-la no seu pescoço.

**Gabi** Botar. Foi exatamente isso que ele disse.

**Thomas** Eu posso.

**Gabi** Pode, meu Deus.

- Você tem que descer do carro por favor e fechar os olhos.

**Thomas** Você tem que descer do carro por favor e fechar os olhos.

**Gabi** Já tá escuro, já tá tarde, nós deveríamos tentar, ligar pra casa de campo do ministro adjunto.

- O número tá no papel com o endereço, que eu não consigo encontrar.

**Thomas** O número está no papél com o endereço, que eu não consigo encontrar.

**Gabi** - Quando você tiver descido do carro, e eu tiver colocado a corrente em você, aí estaremos os dois prontos e equipados pra esse jantar.

**Thomas** Ele disse isso -

**Gabi** Ele continua: - Eu tenho certeza, se você mesma desse mais uma olhada na mala do carro -

Agora eu: - Eu não quero nunca mais ouvir essa palavra, nunca mais de você, nunca mais na vida -

Ele: - Vamos chamá-la então de MC - se você mesma desse mais uma procurada na MC, depois que eu tiver colocado o colar no seu pescoço, ele vai aparecer, o endereço, e nós vamos direto - você com a sua corrente brilhante eu com a minha namorada brilhante - pra esse jantar brilhante - e você vai dizer -

Agora o senhor sou eu -

**Thomas** Nunca mais -

**Gabi** - Valeu a pena, valeu a pena eu ter descido do carro. O que o senhor faria?

**Thomas** Eu não sou o tipo que dá presentes. Eu também não gosto de surpresas.

**Gabi** Eu deveria ter ficado desconfiada. Mas eu tava cansada. Eu queria acabar logo com aquilo. Então, eu desço, fecho a porta, fico em pé ali um pouco, ouço ele abrir e fechar a MC, e sinto uma coisa fria no meu pescoço. Eu sinto, eu sinto aquela coisa fria - e de repente ele aperta, ele aperta e eu percebo, que é uma corrente, é, é uma corrente, de verdade, uma corrente de metal, e ele puxa, ele puxa a corrente e me aperta o pescoço, me deixa sem ar, eu não consigo colocar o dedo entre o pescoço e a corrente, não consigo me livrar dela, ela me aperta o gogó e - aí eu cravo o cotovelo na barriga dele com toda força, e como ele pára um pouco bem pouco, eu ataco de novo, com a ponta do meu cotovelo, ele recua, e eu consigo me virar e agarrar o saco dele pela calça, eu aperto com toda força, eu amasso ele na minha mão com toda força - aí ele me solta -

**Thomas** Que estranho.

**Gabi** Eu não vou deixar que acabem comigo, no meio do mato, no escuro; se é pra morrer, tem que ser com estilo.

*Silêncio*

**Thomas** Foi tudo planejado.

**Gabi** Ele queria me matar, esse merda.

**Thomas** Por conta dos três mil euros.

**Gabi** Sei lá. Coisa de psicopata. O Rainer. Eu nunca deveria ter confiado nele. Nunca. Ele é tão meigo. No dia-a-dia.

**Thomas** O que você fez depois, saiu correndo.

**Gabi** Não. - Ele se desculpou, e depois me levou pra casa.

**Thomas** Você deixou o homem, que tinha acabado de tentar estrangular você, levar você para casa -

**Gabi** O que eu podia fazer. Deixar ele me perseguir pelo mato. Eu o acalmei, - ele disse, que sentia muito. Eu também disse, que sentia muito, por ter esmagado o saco dele - eu não tive alternativa. Ele entendeu. Depois ele disse, que não sabia o que tinha dado nele, ele normalmente não é um cara nervoso, devia ter alguma coisa a ver com o ministro. Porque, era por isso que ele tava tão nervoso.

**Thomas** Foi tudo planejado, Senhora Nowotny. Uma cilada, entende, ele armou uma cilada pra você; ele planejou, matá-la.

**Gabi** É, não sei.

**Thomas** ?

**Gabi** É, deu tudo errado aquela noite, isso é óbvio. Mas se ele planejou aquilo tudo, eu não sei. Talvez ele tivesse outros planos, quisesse ficar sozinho comigo - talvez ele tenha mesmo só perdido os nervos -

**Thomas** Por conta dos três mil euros, que você queria de volta.

**Gabi** É, eu não deveria ter entrado nesse assunto. - Bem no dia, em que ele queria me levar pra um programa chique.

**Thomas** De qualquer forma, você está aqui, você o denunciou por tentativa de homicídio, provavelmente motivado por cobiça. Um motivo baixo sem dúvida.

**Gabi** Cobiça. Não - eu emprestei o dinheiro pra ele. De livre e espontânea vontade. Então era dele. - Um motivo baixo. Não, eu não denunciei ele.

**Thomas** Você acabou de me contar detalhadamente, como o Senhor Machatscheck tentou enforcar você numa mata deserta. Isso pra mim é uma denúncia.

**Gabi** Não. - Espera aí - eu só queria um conselho.

**Thomas** Do que se trata.

Se você deveria continuar com ele.

Se você deveria continuar amando ele.

Se você deveria continuar emprestando dinheiro pra ele.

Se você deveria confiar nele no futuro.

**Gabi** Você está sendo cínico.

**Thomas** De forma alguma. Todos merecem uma segunda chance. Não é.

**Gabi** É. - Acho que sim.

**Thomas** Então. O que você quer.

**Gabi** Eu só queria saber, se uma coisa dessas acontecer de novo, eu posso anexar esse primeiro incidente à denúncia, quer dizer, eu tenho como me garantir -

**Thomas** Senhora Nowotny - está na minha hora de almoço.

## **24. Acordar**

*Finn.*

Ele abriu a janela e entornou o cinzeiro cheio lá fora. O vento soprou cinzas finas no seu rosto e nos seus olhos. Ele riu. Ele respirou fundo. Ele se debruçou para fora. Ele não queria senti-lo nunca mais. O medo ao ar livre. Ele sobe no parapeito da janela. Ele se segura. Ele se solta.



## 25. Separação

*Thomas. Mônica.*

No dia, em que resolvemos, nos separar - bem, nós conversamos a respeito.

Conversamos a respeito e assim ficou resolvido. Ficamos sentados ali, e ninguém disse nada. Mas ninguém queria ir embora. Foi como se estivéssemos congelados no tempo. Eu não sei, quanto tempo aquilo durou, eu estava com uma sensação de dormência, no corpo inteiro só dormência.

É, e aí a Mônica diz de repente: Estranho, ela diz. Eu não sinto dor. - Eu escuto. E escuto dentro de mim mesmo e - não sinto nada. Uma picada leve. Como quando se doa sangue, você fecha o punho, aperta um pouco, sente uma picada leve, e depois fica olhando, como o sangue todo escorre, o sangue todo, sem sentir dor.

Eu queria dizer, também não exagera, não se perde o sangue todo doando sangue, não é uma carnificina, mas me pareceu meio inapropriado, brutal - se é assim que ela se sente, o que você pode fazer -, então eu não disse nada.

E a Mônica diz: Algo vai mudar. Alguma coisa vai mudar. Não dá pra ser diferente.

Então tá, eu penso, eu acho que você está atenuando a situação é, simplificando tudo, se eu posso dizer assim, nós vamos nos separar, a nossa família vai ser desfeita - e ela: algo vai mudar. Continuo não falando nada sobre a dormência no meu corpo inteiro.

E a Monika: Se levanta, quer ir embora - desaba.

Simplesmente desmaia.

Bom, eu chamei uma ambulância, fazer o que.

Legal não foi.

## 26. Manhã

*Linda. Josef.*

Linda é informada e vai para a cidade,  
resolver as coisas.  
O agente funerário, um tal Senhor Compaixão, é um homem mais velho,  
sem jeito, calado e com a cabeça  
em outro lugar,  
em alguma coisa que o aflige, que o deixa nervoso,  
e desatencioso com a mulher à sua frente.  
Linda recebe uma caixa.  
Mais nada, ele não deixou nada além disso.  
Mais nada.  
Quer dizer, de herança.  
Dá de ombros.  
Nenhuma carta.  
Balança a cabeça.  
Nenhuma carta, nenhuma carta de despedida.  
Balança a cabeça.  
Nenhuma folha de papel com algum recado.  
Balança a cabeça.  
Nenhum papel com anotações.  
Silêncio.  
Nenhum envelope com uma chave.  
Ah, sim, um momento, me desculpa,  
é claro, aqui, a chave do apartamento.  
Eu quase me - se você não tivesse me – desculpa -  
O agente funerário se engasga, leva a mão sobre a boca,  
não foi por mal.  
Linda coloca a chave na caixa junto com as outras coisas,  
dentro da caixa tem um par de sapatos,  
e um lenço sujo, enrolado,  
de três pontas, do tipo feito pro pescoço de um cachorro.  
Com quatro gotas de sangue,  
a primeira do tamanho de uma moeda,  
a menor do tamanho de um grão de arroz.  
Um carrinho de metal vermelho.  
Linda o reconhece. Mais nada.  
Ah, ali, dentro de um dos sapatos, uma bola de papel amaçado.  
O medo a faz prender a respiração. O sangue lhe sobe à cabeça, a cabeça se choca  
primeiro.  
Ela vai ler depois.  
Linda precisa escolher um caixão.  
Eu acho - eu não tenho certeza, que ele queria ser cremado.  
O agente funerário, pode ser, mas nós só cremamos com caixão.

Então Linda tem que escolher um caixão,  
balança a cabeça, dá de ombros. Silêncio.  
O agente funerário, eu posso dar um conselho -  
Por favor.  
Nesses casos o mais comum é o modelo mais barato.  
Sei, sei, nesses casos, Linda pensa,  
um caso, um passo, um salto.  
O agente funerário, a escolha é sua,  
bom então, Linda diz, irritada,  
então pode fazer como sempre,  
normal como sempre.  
De repente o agente funerário parece triste,  
desconsolado e estranhamente pálido.  
E Linda pensa, ele deve estar com alguma doença secreta.  
Ninguém sabe. Um passo, um salto, um caso.  
Mais nada.  
Uma das mãos segura a caixa no colo,  
a outra na frente com o punho fechado, o dedão apertando o maléolo.  
O que acontece com a urna.  
Você vai levá-la, ela é sua,  
as cinzas do seu irmão.  
Amanhã então.  
Amanhã.

## 27. Ponto de ônibus

*Erwin. Ira.*

**Erwin** É como o ônibus. Às vezes ele passa e às vezes ele não passa.

**Ira** Sei.

**Erwin** É.

*Pausa.*

**Erwin** Antigamente ele passava duas vezes por dia, depois só uma vez. Agora ninguém mais sabe direito; oficialmente ele deveria passar duas vezes por semana, mas na prática é diferente

**Ira** Não se pode contar com nada.

**Erwin** É isso.

*Pausa.*

**Erwin** Por sua vez, quando você quer desistir de esperar e acha, que hoje não acontece mais nada, bem então ele passa. *Pausa.* Mas nem isso é certo.

**Ira** Se você já passou por isso uma vez, uma vez só já é o suficiente, então você fica sentado pra sempre. - Você não tem mais condições de se levantar, só de se levantar em pensamento, você já vê ele vindo. E por isso você fica sentado. Você fica sentado, porque você acha, se eu me levantar agora e for embora, bem então ele passa. Se eu me levantar, alguma coisa acontece. Se eu me mexer, o mais importante acontece. Então você não se mexe. Esse é o erro. O fatal, é que você não se mexe. Porque é verdade, se você se mexe, alguma coisa acontece. Você se levanta e vai embora. Isso acontece.

**Erwin** E depois acontece outra coisa.

**Ira** E depois acontece outra coisa.

**Erwin** Canta mais alguma coisa.

**Ira** *cantarola* ... como la cigarra...

**Erwin** Em que bela enrascada, você se meteu. Esperar 43 anos por alguém. Bonita essa história, que você me contou.

**Ira** Você acha, que foi burrice minha. Seja sincero, você acha burrice -

**Erwin** Me deixa pensar.

**Ira** Você nunca esperou por ninguém.

**Erwin** Eu - não. Não.

**Ira** Nunca.

**Erwin** Nunca.

**Ira** Então você nunca esteve sozinho.

**Erwin** Sim. Eu sempre estive sozinho. - A minha primeira mulher me abandonou, a minha segunda mulher me abandonou, e eu fiquei sozinho com as crianças. *Pausa.* Um dia o menino ficou doente, ele estava tão consumido pela doença, os médicos queriam desistir dele. Então eles descobriram: uma mordida de carrapato. Uma única mordida minúscula de carrapato, que quase o matou. Bom, pode soar patético pra você, mas pai é pai, especialmente e até mesmo nessas situações - eu continuei irredutível ao lado dele. Você tem que lutar. Lutar é o que você tem que fazer. Luta. *Pausa* Foi o que ele fez, ele sempre lutou, o Finn.

*Pausa*

E depois as crianças também me abandonaram. Mas eu não espero por elas. Seria burrice. - É.

*Pausa.*

**Ira** Eu só queria ver, o que acontece. Se eu fico, no mesmo lugar. Não fujo, e não tenho nenhuma expectativa. - Mas eu acho, que eu desperdicei os meus dias. Eu queria ver, o que acontece, vivendo um dia depois do outro, sem esperança, sem medo, de forma natural. - E agora, 43 anos depois, eu percebo - foi um erro, e eu não sou a pessoa certa pra isso.

*Eles riem.*

**Erwin** Pelo menos você não se apressou, em descobrir.

**Ira** É. Eu passei 43 anos num quarto de hotel. Praticamente de passagem. Eu nunca pensei nisso. É estranho, você não acha. Mais estranho ainda, que só agora eu tenha me dado conta.

**Erwin** Há quanto tempo você conhecia o seu marido.

**Ira** Três anos. Aí nos casamos. Uma semana Roma, uma semana Paris, ainda queríamos ir para uma praia. Era a nossa lua de mel.

*Pausa.*

**Erwin** Vou te contar. Nem quero nem saber o que se passa no seu coração.

*Pausa.*

**Ira** Eu achei que, num quarto, pelo qual eu pago, com o pouco, que eu tenho, umas roupas, uns livros, um pouco de música, eu pudesse ser livre. *Silêncio.* Eu nunca tinha ficado sozinha antes, nunca. Por isso eu não sabia, o que fazer. *Pausa.* Ele desapareceu e talvez ele estivesse precisando de mim. *Pausa.* Eu me sentia indiferente e morta de medo. Medo, de ter que lutar por alguma coisa. Você entende. *Erwin se cala.*

Você acha, que existem muitas pessoas assim. Pessoas como eu, que vivem como se não vivessem. Que passam pelas próprias vidas furtivamente, cuidadosas e envergonhadas, como se nada daquilo pertencesse a elas, como se elas não tivessem o direito, de estar ali. - Como se fôssemos ladrões.

*Pausa.*

**Erwin** Eu sou o oposto, não consigo deixar as coisas irem acontecendo naturalmente. Eu não. - Talvez por isso eu sempre tenha estado sozinho, e estou até hoje.

*Pausa. Erwin ri consigo mesmo.*

**Erwin** Eu era corretor de seguro, antigamente. Seguradora Leão e Cordeiro. Leão e Cordeiro, os dois sócios. Adivinha, qual era a minha especialidade -

**Ira** Seguro de vida.

**Erwin** Forças maiores. Eu vendia apólices especiais, com as quais você podia se assegurar contra forças maiores. Mas quando aparecia um caso desses, a nossa função era provar que não era um caso de forças maiores, mas simples falha humana. E nós fazíamos de tudo, para que a Leão e Cordeiro não precisasse cobrir nada. Eu posso dizer, que eu era imbatível em descobrir falha humana; e realmente falha humana está por trás de 95 entre 100 acidentes, que acontecem supostamente por conta de forças maiores. Não é papo furado, essa é a minha convicção pessoal. - O meu filho também é corretor de seguros, por sinal. Mas ele viaja muito pro exterior. Ele está sempre de passagem por algum lugar. Ele liga. Sempre. Quase todo dia. E ele sempre lembra do fuso horário. Não importa, onde ele esteja, ele sempre dá um jeito de ligar, antes que eu vá dormir.

**Ira** Atencioso.

**Erwin** Muito atencioso, é. Mas não era isso que eu queria dizer -. O que eu queria dizer -

**Ira** Você nunca conseguiu deixar as coisas irem acontecendo naturalmente -

**Erwin** Não, isso sempre acaba em catástrofe. Eu queria dizer alguma coisa assim.

*Pausa.* Vamos sair juntos.

**Ira** Você e eu -

**Erwin** É, claro. Por que não. - Eu me chamo Erwin. Erwin Tomason. Tomason, é uma invenção japonesa -

**Ira** Não estou entendendo.

**Erwin** É uma outra história.

**Ira** Ira Davidoff. Por algumas cervejas você pode me ouvir cantar a noite inteira. O bar se chama *Âncora enferrujada*, e eu estou lá toda noite.

**Erwin** Toda noite. E eu saio tão pouco. - *Âncora enferrujada*, eu vou me lembrar.

## 28. Corredor

*Linda.*

Linda Tomason passeia com a urna pela cidade,  
que ela não conhece. Linda não conhece a cidade,  
e a cidade não a conhece.

As casas olham para ela de forma estranha.

As ruas estão desbotadas,  
as poucas árvores se assustam  
e perdem suas folhas.

No canteiro a grama amarela.

Filhotes de pássaros abrem suas asas  
e pulam dos telhados para a morte.

Quando vai chover de novo.

Quando vai chover de novo.

Se controla, Senhora Tomason.

Linda fica parada na beira da calçada,  
se deixa cair num degrau da entrada de um prédio.  
Fica sentada.

Linda Tomason passeia com a urna pela cidade,  
que ela não conhece. Ela encontra o caminho para a estação.  
Ela tranca a urna num armário.

A chave ela coloca dentro de um envelope,  
no envelope ela escreve:

As cinzas do meu irmão.

## 29. Perspectiva 3

*Mônica.*

O supletivo eu quero terminar de qualquer jeito.

Apesar de tudo.

Como eu vou conseguir. Como eu vou poder pagar.

Eu me candidatei a vários empregos. Ou seja não só aqui.

Embora eu preferisse trabalhar com o senhor, seria a minha primeira opção.

Eu não desistiria.

O antigo chefe foi curto e grosso.

Ele diz, nada aconteceu, como planejado.

Não fomos nós que assumimos o controle sobre os holandeses, mas os holandeses que assumiram o controle sobre nós. No final das contas.

Eles agora têm a maioria das ações e nós temos que demitir.

Eu sinto, como que atingida por um raio.

Ele diz isso tão objetivamente, é, como uma constatação, sem me olhar nos olhos, tem uma lista na sua frente e ele fica olhando pra lista.

Uma lista dessas com nomes. *Pausa.* Dá pra imaginar.

Foi ali que eu percebi, que eu não sou um indivíduo.

Mas manter a calma, e mostrar, que eu tenho senso de humor, mesmo em situações críticas.

Eu digo, que ironia do destino.

E, eu digo, bem agora, que eu estou tão adiantada com o meu supletivo, e estou aprendendo holandês no mp3, num desses cursos.

Bem agora, eu digo, que eu saí de casa, o divórcio em andamento, e a criança ficou com o meu marido, por causa das minhas perspectivas melhores.

Ele já não estava mais prestando atenção.

Eu digo, é, nem sempre as coisas são, como nós gostaríamos, né.

Ele diz, então nesse sentido eu lhe desejo sorte no futuro.

Obrigada, eu digo, o mesmo pra você, nesse sentido - Sorte no amor e no jogo. Eu não sei, se ele entendeu, era pra ser uma piada.

*Silêncio.*

É, com certeza, eu aguento muita coisa.

Eu não provei isso.

*Pausa.*

Por hora é só -

Por hora é só.

*Pausa.*

Obrigado por tudo.



### 30. Amigos 1

*Linda. Rainer.*

**Linda** Ele não deixou nada além do apartamento vazio. Praticamente vazio. O aluguel desse mês está pago.

*Silêncio.*

**Rainer** Ele falou a meu respeito. Qualquer coisa. Contou.

**Linda** Nós não nos víamos há anos.

**Rainer** Ele não tinha muitos amigos.

**Linda** Tinha sim. Eu acho que sim - mas não tinha nenhum Machatschek, não que eu me lembre, nem antigamente.

**Rainer** Rainer, eu me chamo Rainer.

**Linda** Ah -.

*Silêncio.*

**Rainer** Ele preparou tudo. E depois. Ele adormeceu -

**Linda** De onde você tirou essa idéia. Ele saltou. - Ele saltou. Pela janela - Você não sabia.

**Rainer** Como eu poderia saber.

**Linda** Essas coisas saem no jornal.

**Rainer** Você tem razão. Essas coisas saem no jornal. Mas essas coisas saem no jornal de forma anônima e mesmo se eu tivesse lido Finn no jornal, mesmo se estivesse escrito: Finn, como eu poderia ligar uma coisa dessas e esse Finn ao meu amigo. Essas coisas nunca acontecem com os próprios amigos.

*Pausa.*

**Linda** Você esteve no apartamento dele, percebeu, alguma mudança.

**Rainer** Nós sempre nos encontrávamos na rua, ao ar livre, íamos dar um passeio; ele tinha essa necessidade de andar, de sair andando, em direção à saída da cidade, muitas vezes pra perto d'água, ao longo do canal - se possível com poucas pessoas, com o máximo de movimento possível, até ele perder o fôlego - parecia, que o ar nunca bastaria pra oxigenar o seu pulmão, as suas veias. Às vezes, quando eu andava ao seu lado, eu mesmo sem ar, ele mais parecia um balão, um balão com um invólucro muito fino e leve; talvez tenha um furo em algum lugar, de tal forma que o invólucro fino do balão não consegue mais reter o ar e se esvazia apesar de todo o esforço.

*Pausa.*

E por isso o ar nunca lhe será suficiente, ele nunca bastará, nunca bastará, por mais que ele se esforce, por mais que ele ande ...

*Pausa.*

**Linda** Ele deve ter vendido tudo nas últimas semanas, que não era essencial. Menos a sua cama, uma mesa antiga, uma cadeira.

**Rainer** Ou então ele nunca teve mais nada além disso.

**Linda** Eu não o conhecia. - Quem era o Finn.

**Rainer** Ontem eu ainda sabia. Hoje eu sou só perguntas. - Eu dei dinheiro pro seu irmão, Linda, o meu dinheiro. Eu o confiei a ele. Pra render dividendos. Ele entendia dessas coisas. Ele queria investir pra mim, num seguro de vida com juros garantidos, e tal. Não tinha nada de ilegal, Linda, não era nada duvidoso.

**Linda** Quanto.

**Rainer** Dez. Dez mil.

**Linda** Ele não deixou nada.

**Rainer** O dinheiro tem que estar em algum lugar. Tem que existir um contrato, recibos.

**Linda** Vocês não assinaram nada.

**Rainer** Ele tinha uma procuração. O Finn cuidava disso. Pra mim. Têm que existir documentos, anotações, extratos bancários.

**Linda** Nada. Não tem nada. Ele destruiu tudo, nenhum computador, nenhum arquivo, nenhum cd, nenhuma foto. Eu estive no banco, nenhuma ação, nenhuma poupança, nenhuma moeda, nenhum cofre, nenhum empréstimo, nenhuma hipoteca, nenhuma dívida. Nada.

**Rainer** Não pode ser.

**Linda** Mas é.

**Rainer** Não pode ser.

**Linda** Se é o que eu estou dizendo.

**Rainer** Não é possível.

*Pausa.*

**Rainer** Talvez no escritório.

*Linda dá de ombros.*

**Rainer** Com certeza no escritório. - Precisamos procurar no escritório.

*Pausa.*

**Linda** Eu acho que ele não tinha mais emprego. Eu não sei, porque, mas eu acho, que ele não ia mais trabalhar. Já há muito tempo.

**Rainer** Eu saberia.

**Linda** Tem as paredes. A única coisa que ele deixou, foram as paredes.

**Rainer** O dinheiro está nas paredes -

**Linda** As paredes são tudo.

**Rainer** O papel de parede é de ouro.

**Linda** Ele escreveu nas paredes. Nomes, códigos, números, trechos de conversas, citações, pensamentos, poemas.

*Silêncio.*

**Rainer** Anota. Anota tudo. Quem sabe não conseguimos descobrir, o que aconteceu.

*Pausa.*

**Linda** Eu acho, que ele não tinha mais trabalho. Leão e Cordeiro - está riscado.

**Rainer** Eu não sabia de nada. Ele não me disse nada. - Melhor amigo.

**Linda** Eu achei isso dentro do sapato dele:

*Lê num pequeno pedaço de papel amarelado*

*...gracias doy a la desgracia*

*y a la mano con puñal*

*porque me mató tan mal,*

*y seguí cantando.*

Cantando al sol como la cigarra  
después de um año bajo la tierra,  
igual que sobreviviente  
que vuelve de la guerra...

*Pausa.*

O que você acha.

**Rainer** Meu Deus. Linda, eu lá tenho cara de quem fala italiano.

**Linda** Eu acho que é espanhol. E daí, eu também não sei falar nenhuma língua estrangeira, mas pelo menos eu me esforço. Sempre dá para ler.

**Rainer** Sei e, o que tá escrito aí.

**Linda** Entender eu não entendo.

**Rainer** Então. Isso não nos ajuda em nada.

**Linda** Me ajuda sim. - Me ajuda, mas eu não sou como você.

**Rainer** Mesmo sem entender nada.

**Linda** Você não consegue ouvir, como soa. Presta atenção, ouve, como soa ... *Repete algumas palavras...* Daria pra cantar.

*Pausa.*

**Rainer** É. Você tem razão. Dá pra imaginar. Se você fizesse isso, se você cantasse essas palavras, essas palavras desconhecidas em espanhol, daria uma música. - É, agora eu também consigo ouvir. Eu estou ouvindo.

*A canção.*

**Linda** E depois ele ainda disse, o Rainer, que os dez mil ele estaria guardando para os filhos, para que eles pudessem ir para uma faculdade um dia. Eu pergunto, quantos anos eles têm, os filhos, ele diz, que eles ainda não existem, e a mulher ideal ele ainda não encontrou, ele não quer baixar o nível e sair dormindo com qualquer vagabunda. Então o homem está pensando no financiamento do futuro da prole que não existe, e no presente não tem nem idéia de com quem ele poderia concebê-la. Pra mim isso é doentio.

*Pausa.*

Mas no geral ele causa uma boa impressão. - Um cara sério.

## 31. Rastros 4

*Senhor Schmitt. Senhora Schmitt. Josef.*

**Senhor Schmitt** Há quantos dias você está aqui, quantos.

**Josef** Não muitos.

**Senhor Schmitt** Você não disse, que não muitos bastariam. Poucos bastariam, alguns bastariam, foi o que você disse.

**Josef** Por isso eu vou deixá-los. Hoje. Agora mesmo. - Eu já sei tudo, que eu queria saber. Vocês já sabem tudo, que queriam saber.

**Senhor Schmitt** Como assim.

**Josef** Vocês não me fizeram nenhuma pergunta. Vocês fazem de conta, que eu não existo. Vocês fazem de conta que eu não estou aqui, no entanto eu estou aqui ao seu lado o tempo todo. Vocês fazem de conta, que eu não estou aqui, mesmo sabendo que eu estou aqui, e vocês se comportam da forma, como vocês se comportam, porque eu estou aqui, ao seu lado. Vocês sabem, que eu estou escutando.

**Senhora Schmitt** Ele é o bicho. Ele está aqui, depois não está mais, mas o tempo todo nós sentimos a sua respiração. É desagradável. Ele inspira o ar que expiramos, e nós inspiramos o ar que ele expira. É desagradável. Nós somos diferentes, não temos nada em comum.

**Josef** Se vocês quiserem saber, o que nós temos em comum, eu posso lhes contar. Eu posso contar sobre uma doação generosa, que virou uma criança; uma criança, que vai ter uma criança. - Eu posso lhes contar sobre o passado e sobre o futuro.- Sobre o passado, que é uma parte de vocês, e sobre o futuro, que pode ser seu, se vocês quiserem fazer parte dele.

**Senhor Schmitt** Eu não acho, que nós queremos ter nada em comum com você.

**Senhora Schmitt** Não queremos saber nada. Nós dissemos tudo. Nós dissemos tudo, porque não dissemos quase nada. Não temos nada a dizer.

**Josef** Você também pode falar comigo, Senhora Schmitt - Ida - e me olhar nos olhos. Você tem olhos, você pode olhar pra mim, como você olha pras suas flores e o seu gramado e as suas cortinas e o almoço. Eu tenho olhos e eu olho pra você; eu olho pra você o tempo todo e eu vou dizer, você não é feliz. Ida, diretamente, olhos nos olhos, você não é feliz. Você não quer saber de nada, será que você está tão satisfeita assim, tão em paz com a própria vida, que você simplesmente quer me fazer desaparecer daqui. Pensa bem, porque quando eu tiver ido, eu não volto mais.

**Senhora Schmitt** Eu estou com tanto medo, Gerhard.

**Josef** *tira a roupa toda.* Se você tem tanto medo de mim, então agora você pode se defender. Me bater, me jogar água fervendo, pega uma faca e me esfaqueia, ou apenas me pede pra ir embora, agora mesmo, sem roupa, pelado, pelo meio da rua. Para não precisar mais ter medo de mim. É verdade, eu invadi o seu jardim e me escondi de vocês, é verdade. Eu estava inseguro. Eu queria ver, como vocês são, como vocês se vestem, como vocês falam, que cheiro vocês têm, o que vocês gostam de comer, e o que vocês fazem, pra ganhar a vida. - Eu estava curioso, eu queria observar vocês, mas também estava inseguro.

Eu queria conhecer vocês, mas não sabia se queria encontrá-los, olhos nos olhos. É difícil. Mesmo quando eu já estava aqui, entre vocês, eu não sabia se eu queria encontrá-los. Nem mesmo agora eu sei, se eu quero encontrá-los, mas agora a situação é do jeito, que ela é, e eu não posso voltar atrás. Nenhum de nós pode voltar atrás.

*Silêncio.*

**Senhora Schmitt** Que perspectivas horríveis. Foi um erro, Gerhard. A sua generosidade foi um erro. Nós vamos perder tudo, tudo, que nós conquistamos, para nós mesmos.

**Josef** Eu posso levá-los até ela, a criança que você não conheceu, e o neto, que ainda quer nascer.

*Silêncio.*

**Senhor Schmitt** O que devemos fazer.

**Senhora Schmitt** O que devemos fazer. Nós temos alguma coisa a ganhar, com isso.

**Josef** Eu não sou adivinha, Ida. Eu não sou Deus. Vocês podem sair ganhando, vocês podem sair perdendo. Não sou eu quem decide, vocês decidem. Sempre foram vocês que decidiram, a vida toda. O que quer que vocês tenham feito, o que quer que vocês venham a fazer - não se arrependam.

*Silêncio.*

**Senhor Schmitt** Não se arrependam.

**Senhora Schmitt** Não se arrependam, ele disse.

**Senhor Schmitt** Nós cometemos um erro.

**Josef** Vocês podem decidir agora: Muito bem, Senhor Compaixão, obrigado Senhor Compaixão, nós aceitamos a sua proposta e vamos dar uma olhada nesse futuro. Nós assumimos os remos - isso eu posso lhes assegurar, nós estamos no mesmo barco - nós assumimos os remos e queremos tomar parte. - Pra mim tanto faz. Nem mais, nem menos.

Ou então: Muito obrigado, Senhor Compaixão, foi bom, tê-lo recebido na nossa casa, mas nós não queremos estender mais a nossa convivência. Por favor não nos procure mais.

Então deixamos pra lá.

**Senhora Schmitt** O que devemos fazer. Existe algum indício, algum rastro. - O que está em jogo -

**Senhor Schmitt** Nós cometemos um erro.

**Josef** Pra mim tanto faz, uma coisa ou outra. Mesmo, tanto faz. Eu estava curioso, eu queria saber tudo a seu respeito, agora eu já descobri algumas coisas e - mesmo -, tanto faz.

**Senhora Schmitt** *pega um martelo e ataca Josef.*

**Senhor Schmitt** *pega uma panela de ferro e ataca Josef.*

*Eles o matam.*

## 32. Amigos 2

*Linda. Rainer.*

**Linda** Eu nunca me senti tão bem. Faz tempo que não.

**Rainer** Se eu pudesse, eu escreveria um poema pra você. Ou uma canção.

**Linda** É. *Pausa.* Seria tudo.

*Silêncio.*

**Linda** Você poderia me convidar pra jantar.

**Rainer** Poderia.

**Linda** Hoje.

**Rainer** Outro dia.

**Linda** Não precisa ser nada de especial. Uma noite a sós. Nós dois.

*Silêncio.*

**Linda** Um piquenique talvez.

**Rainer** Eu me sinto perdido na natureza.

*Silêncio.*

**Linda** Eu já tive um noivo. Ele se chamava Rainer, como você. - Foi bom, enquanto durou.

**Rainer** O que aconteceu.

**Linda** Ele foi embora. O cara, imagina, conseguiu um trabalho na Austrália. Mineração. Ele tinha uma coisa com a natureza. Gostava de estar ao ar livre, de preferência passar a noite, dormir ao relento.

**Rainer** Austrália. É bem longe.

**Linda** É. - Pra mim era longe demais. *Pausa.* Ele se chamava Rainer, como você. De verdade Rainhardt. Eu gostava mais de Rainer. *Pausa.* Além do mais faz muito calor na Austrália. E você pega câncer de pele lá, por conta das falhas na camada de ozônio.

*Silêncio.*

Por que sempre tem que se ir embora. E achar, que é melhor em outro lugar, a vida. Eu não entendo isso. Também temos árvores aqui. E campos. E um céu. - Eu não sou assim. Eu quero concentrar a minha energia, pra fazer com que a vida boa venha pra mim, e não o contrário. - Seria mais fácil, não é -

**Rainer** Uma vida boa tem o seu preço, Linda.

**Linda** Como assim.

**Rainer** Nada é de graça. Você precisa ter dinheiro. - Senão não dá em nada; ou você dorme ao relento, mas não por escolha própria.

*Pausa.*

**Linda** Quando a reserva florestal vier, podem precisar de você.

**Rainer** Pra que.

**Linda** Os visitantes, eles vão fazer caminhadas, escalar, mergulhar até; vai ter cachoeira, passeio de canoa nos riachos naturais -.

Alguns vão fazer cursos de sobrevivência, duas semanas no mato sem mantimentos.

As suas calças de moleton podem vir a ser bem requisitadas.

**Rainer** Você tem cada idéia.

**Linda** Como se faz uma fogueira sem fósforo, quais são as plantas comestíveis, como construir um bivaque numa árvore, o que fazer, se você encontrar um lobo - tudo isso tem que ser aprendido. Quem sabe você não vira treinador -.

**Rainer** Eu não tenho nada a ver com a natureza. Eu gosto é de banheira e água quente.

**Linda** Nós poderíamos trabalhar juntos. Lado a lado, por assim dizer.

**Rainer** Foi nessa época, dormindo ao relento, que você foi atingida pelo raio.

**Linda** Nós dormíamos muito ao relento.

**Rainer** E uma vez, numa dessas noites, você foi atingida pelo raio.

**Linda** É.

**Rainer** E como foi.

**Linda** Pfff.

**Rainer** Então como foi, eu gostaria de saber. Eu nunca fui atingido por um raio.

**Linda** Ah, teve uma tempestade. - De repente. - No meio da noite. - Um vento forte. Eu fui acordada pelo vento, não pelo trovão. - Uma tempestade, sobre o campo e o gramado; nós estávamos à beira de um rio, embaixo de uma árvore, tínhamos pendurado as nossas coisas nos galhos. O vento levou as nossas cobertas, os sapatos, as mochilas, eu fui acordada pelo vento, não pelo trovão. - As coisas voavam pelo ar, foram jogadas no rio, a água estava turva. Eu não conseguia ver nada. - Só quando relampejava, dava pra ver alguma coisa. - Eu fui acordada pelo vento, era de noite, eu não entendi nada.

**Rainer** O que vocês fizeram. Vocês saíram correndo.

**Linda** Eu procurei pelo Rainer. Eu não conseguia vê-lo. - Eu chamei por ele, mas não dava para ouvir nada naquela tempestade, ninguém teria conseguido ouvir nada. - Em algum momento eu saí correndo, atravessei o campo em direção à mata, foi aí que ele me atingiu. Foi tudo muito rápido, uma explosão enorme, eu só senti a explosão, depois eu desmaiei. - Só por pouco tempo. Eu não sabia por quanto tempo, mas foi pouco; quando eu voltei a mim, estava chovendo. Eu estava caída no campo, eu me levantei e consegui andar. Eu estava enjoada e tonta, mas eu conseguia andar. Eu fui até o nosso carro, que estava estacionado na entrada da mata.

**Rainer** O que aconteceu com o Rainer.

**Linda** Nada. Ele estava lá sentado no carro, quando eu cheguei.

**Rainer** Sem você.

**Linda** Ele chamou por mim.

**Rainer** Sem você, ele saiu correndo pro carro, deixou tudo pra trás, ele foi se proteger, sem você -

**Linda** Ele chamou por mim, ele me chamou o tempo todo - Eu fui acordada pelo vento.  
*Silêncio.*

**Linda** Desde então eu tenho esse dedo magnético. Não restou mais nada. Às vezes eu fico tonta. - E às vezes eu sinto saudade, uma saudade enorme, daquele estado, como foi, nos dias seguintes -

**Rainer** Não dá para sentir, que você é magnética.

**Linda** Não -

**Rainer** Você é tão leve.

**Linda** Às vezes eu saio, no vento e na chuva, num temporal, só, pra ser atingida por um raio de novo. - É diferente de estar apaixonado, é muito mais forte.

**Rainer** Eu não conheço sensações tão fortes assim.

**Linda** Não.

**Rainer** Não. Só raramente, em alguns momentos. Aí eu me entrego.

**Linda** Como agora.

**Rainer** Como agora.



### 33. Dor de cabeça

*Emergência. Mônica. Gabi. Mira.*

**Mira** Melhorou a dor de cabeça.

**Mônica** *fala baixo* Não.

*Pausa.*

**Mira** Se tivesse melhor, a gente podia ir pra casa.

*Silêncio.*

**Mira para Mônica** Você quer mais um comprimido.

**Gabi** Não vai adiantar nada.

**Mira** Poderia melhorar -

**Gabi** Fica quieta, você não tá vendo, ela tá com dor.

*Pausa.*

**Mira** Cara, demora, né. *Pausa.* Horas, demora horas.

*Pausa.*

**Mira** Não se pode estar gravemente ferido por aqui, cara. - Eles te deixam morrer numa boa. *Pausa.* E olha que isso aqui é uma emergência, uma emergência. *Pausa.* Há quanto tempo a gente tá aqui.

*Silêncio.*

**Mira** Cara cara cara. Uma emergência. - Imagina. Se fosse mesmo uma emergência.

*Pausa.*

**Mira para Mônica** Ainda não melhorou, né.

*Gabi olha para ela irritada.*

**Mira** Eu tô sendo gentil. *Pausa.* Tô só perguntando.

*Silêncio.*

**Mira** Cara, a gente não trancou a loja, sabia disso. Como você consegue ficar calma. Eu tô super nervosa. *para Mônica* Toma mais um comprimido -

**Gabi extremamente calma** O melhor, é você voltar, Mira. Você volta pra loja, eu fico aqui.

**Mira** Eu tenho que ir de ônibus, ou a gente pode pagar um táxi. - Não, eu não vou te deixar aqui na mão. - E também é atendimento ao cliente, o que a gente tá fazendo.

*Pausa.* Eu vou fumar um cigarro. *Fica.* Vai que chega um médico, se eu sair agora, com certeza chega um desses médicos. Quer apostar.

**Gabi** Então seria bom mesmo, se você fosse indo, pra alguma coisa acontecer; e quando alguma coisa tiver acontecido, eu te chamo.

**Mira** Tá, agora não fica nervosa.

*Silêncio.*

**Mônica levando a mão à têtora** Eu estou sangrando.

**Gabi** Deixa eu ver.

**Mônica** Aqui. - Eu acho, que eu estou sangrando.

**Gabi** Ela tá sangrando.

**Mira** Deixa eu ver. - Tira o cabelo da frente. - Ela tá sangrando. - Moça, você tá com um buraco na cabeça.

**Gabi** Na têtora.

**Mira** Merda merda merda. Moça, você tá com um buraco na cabeça.

**Gabi** Alguém pode vir aqui.

**Mira** Alguém pode vir aqui. A gente tá com um buraco na cabeça.

**Gabi** Eu tô meio enjoada. Quando eu olho pra ela, eu fico meio enjoada.

**Senhor Schmitt** (médico) *para Mira* Senhora Tomason -

**Mira** Eu sou Metade. Mira Metade. - É ela. Ela tá sangrando, de um buraco na têmpora.

**Senhor Schmitt** Como isso aconteceu.

**Mira** Como isso aconteceu - sei lá, como isso aconteceu. A gente tava sentada aqui numa boa esperando e conversando e eu queria ir fumar um cigarro mas acabei ficando e de repente começou a escorrer sangue -

**Senhor Schmitt** Parece um tiro. A bala ainda está lá dentro -

**Gabi** Não fui eu que coloquei ela lá dentro. Eu também não vi nenhuma sair. Eu não sei, onde a bala foi parar.

**Mira** Ela já tava lá dentro. Foi ela que trouxe a bala. Se uma bala tivesse saído por aí, a gente teria visto.

**Senhor Schmitt** Senhora Tomason -

**Mônica** Sim.

**Senhor Schmitt** Senhora Tomason, a bala ainda está na sua cabeça.

**Mônica** Que bala -

**Senhor Schmitt** Está tudo bem. Vamos fazer uma operação de emergência.

**Mônica** Eu estou sangrando - Aqui. Eu estou sangrando.

**Mira** Ela tava na loja. A Gabi tem um brechó de roupa. Ela tá lá em pé, diz, que tá com uma dor de cabeça horrível. E vomita na frente do cabideiro. Mas ela não tava bêbada nem high nem nada, a gente pensou que fosse intoxicação alimentar, a natureza é cruel, pode acabar mal, tem que agir rápido, né. Era só uma dor de cabeça, e ela vomitou, a gente se mandou pro hospital com ela, a Gabi dirigindo, eu segurando a mão dela, a gente se esqueceu, de trancar a loja, de tão mal que ela tava -

**Gabi** Ela tava tão mal, dor de cabeça, e ela tava tão mal -. A gente só tava querendo ajudar, só isso. Foi isso -

**Mira** O que vai acontecer agora -

### 34. Amigos 3

*Linda. Rainer.*

**Linda** Como tudo vai continuar. Como a nossa vida vai continuar.

**Rainer** As coisas se transformam tão lentamente, de forma quase imperceptível; mas então, em algum momento, tudo está diferente.

*Pausa.*

**Linda** As termas vão ser fechadas. Eu já te contei -. As termas vão ser fechadas e o prédio demolido. A qualidade da água é boa, mas o prédio está podre. As instalações todas estão podres. Tem dias em que eu sou a única, que se banha nas termas. Depois do expediente. Eu tranco tudo, as luzes eu deixo acesas, todas, puro desperdício, todas essas luzes só pra mim. Aí é entrar na água de enxofre. *Pausa.* A minha pele é super macia.

*Silêncio.*

**Rainer** Amanhã eu tenho que ir viajar, Linda.

**Linda** Pra onde.

*Silêncio.*

**Linda** Eu estive de novo no apartamento do Finn. Eu queria ter certeza, de que não tinha me escapado nada. Se não tem mesmo nada anotado sobre o seu dinheiro. - Você também não acha, que o Finn sempre teve um espírito guerreiro.

**Rainer.** É. Tinha.

**Linda** O que pode ter acontecido com ele, o que, nesse tempo todo, em que não nos vimos.

**Rainer** Eu não faço especulações.

**Linda** Eu copiei uma coisa da parede. *Lê.* "Quando ele era criança ficou muito doente uma vez; ninguém descobria a causa, e ele estava tão consumido pela doença, que os médicos queriam desistir dele. Só o pai continuou irredutível ao seu lado e dizia sem parar: Você tem que lutar. Lutar é o que você tem que fazer. Luta. Essas palavras ficaram marcadas nele, o acompanharam a vida inteira, determinaram a sua forma de pensar, e ele achava, que tinha que seguir essa dica todos os dias, mesmo que com o passar do tempo ele cada vez soubesse menos, qual era o motivo e o objetivo e a finalidade ou a razão da luta - do que se tratava essa luta afinal."

*Silêncio.*

Acima está escrito : O medo ao ar livre.

*Silêncio.*

**Linda** Senhor Machatschek -

Tscheki -

Eu não encontrei o seu nome. Nenhum nome, nenhum número.

**Rainer** Como assim.

**Linda** Eu procurei. Os escritos na parede. Eu não encontrei o seu nome.

**Rainer** Ele me apagou. Ele me apagou, assim como ele fez com o meu dinheiro.

**Linda** Talvez você nunca tenha existido. Talvez você e a amizade entre vocês nunca tenham existido. Talvez a amizade entre vocês nunca tenha existido.

**Rainer** O seu irmão não tinha um espírito guerreiro, Linda. Longe disso. O seu irmão não entendia mais nada. O seu irmão não sabia mais, o porquê de nada. É isso. *Pausa.* Tomason, ele me disse uma vez, Tomason, é invenção de um filósofo japonês. - Finn, o que você quer dizer com isso? - É, ele diz, um Tomason, é uma coisa, que ninguém sabe, pra que serve. Um objeto, que ninguém sabe, que significado tem. Bom antigamente, é, bem antigamente mesmo, num tempo de que ninguém se lembra mais direito, está tudo nos livros ou anotado em algum lugar, ou seja alguém anotou, ele tinha uma utilidade. O Tomason, a coisa. Alguém o inventou, porque precisou dele com alguma finalidade específica. Mas ela se perdeu. A finalidade. Ou então a coisa toda se quebrou de tal forma, um pedaço se quebrou do todo, pulou fora, foi cortado, acidente, coincidência, tudo isso, agora sobrou esse resto. Uma metade, um quarto, ou só um talo. E agora. Ele fica jogado por aí ou largado ou abandonado, sei lá, e também tanto faz. Simplesmente não faz a menor diferença. Enfim inútil no fundo, obrigado. E eu sou um desses, o Finn disse, um desses, o seu irmão disse, eu sou um desses, um Tomason. Sem nenhuma finalidade. Sem sentido. Sempre fui. Desde o nascimento. Não tem jeito.

*Silêncio.*

**Linda** Ele não disse isso.

**Rainer** O seu irmão, Linda, desistiu, ele desistiu.

**Linda** Ele estava com medo.

**Rainer** Não faz a menor diferença.

**Linda** Talvez o seu dinheiro nunca tenha existido. Ou talvez você não tivesse o menor valor pro meu irmão. Não merecia, ser guardado e arquivado na memória. Não merecia, sobrar depois da sua morte. Talvez tenha sido o contrário. Talvez ele tenha lhe emprestado dinheiro. E nunca o recebeu de volta. E isso o destruiu.

*Rainer balança a cabeça.*

**Linda** O que você vai fazer, agora - fraudar. Roubar. Continuar roubando.

**Rainer** Eu não roubei nada do Finn, Linda -

**Linda** Mentir - continuar mentindo -

**Rainer** Eu não menti pra você. *Pausa.* Quase não menti - Eu não lhe disse uma coisa, é verdade. Agora eu vou dizer.

**Linda** O que -

*Pausa.*

**Rainer** Ah, não é nada de mais.

**Linda** O que -

**Rainer** A gente se vê.

## 35. Perguntas 2

*Mira de preto.*

Agora é tarde demais.

Eu não posso mais tirar.

Se eu tivesse ficado de boca calada e não tivesse perguntado pelo meu pai. Se você não tivesse dito nada perguntado nada querido saber de nada.

Agora é tarde demais.

Você pode dá-lo para adoção.

Eu nunca conseguiria fazer isso.

Agora é tarde demais.

Se eu tivesse ficado de boca calada e não tivesse dito nada e perguntado nada e não querido saber de nada.

Agora ele nunca vai conhecer o pai.

*Pausa.*

Agora é tarde demais.

Eu não posso mais tirar.

Se eu tivesse ficado de boca calada e não tivesse perguntado pelo meu pai. Se você não tivesse dito nada perguntado nada não querido saber de nada. Agora é tarde demais.

Você pode dá-lo para adoção.

Eu nunca conseguiria fazer isso.

Agora é tarde demais.

Se eu tivesse ficado de boca calada e não tivesse dito nada e perguntado nada e não querido saber de nada.

Agora ele nunca vai conhecer o pai.

*Pausa.*

Agora é tarde demais.

*ad inf.*

### 36. Domingo 3

*Linda. Erwin.*

**Linda** Eu queria contar pra ele, é claro. Era por isso que eu estava aqui. Eu queria dizer, pai, o Finn morreu. Ou então, Erwin, o seu filho não está mais vivo. Ou, ei, coroa, você sobreviveu a ele. - E se ele me perguntasse, mas de que, de que ele morreu, o que eu responderia. Eu não sabia de nada. - No final eu não disse nada. Eu me calei. Eu me calei sobre a morte do seu único filho.

*Silêncio.*

**Linda** Você sabe que o Finn sempre quis ir pro Japão.

**Erwin** Não. Eu não sei nada sobre o Japão. Japão pra mim é novidade.

**Linda** É sim.

**Erwin** Que diabos ele quer no Japão. - E por que ele não liga. Os japoneses inventaram o telefone sem fio. Por que eu não ouço a voz dele.

**Linda** Ele fez um -. Sabe, ele fez um voto de silêncio.

*Pausa.*

**Erwin** Ele virou monge -. Ele raspou a cabeça e fica cantando essas coisas zen -

**Linda** Não, eu acho que não.

**Erwin** Você acha -. O que é então. Ele está morando numa caverna. - Seita. - O que está acontecendo. - Ele poderia me escrever.

**Linda** É uma espécie de clausura.

**Erwin** Por quanto tempo.

**Linda** Por tempo indeterminado.

**Erwin** Que besteira é essa.

*Silêncio.*

**Erwin** O jasmim começou a florescer. - Amarelo ouro. - No meio do inverno.

**Linda** Que bonito, pai.

**Erwin** Você está achando que eu sou senil. Claro que é bonito. Eu sei, que é um jasmim de inverno. Eu só queria dizer. Ele começou a florescer. No inverno. - Isso não tem no Japão.

**Linda** Eu acho, que no Japão tem tudo.

**Erwin** Sei. Pra que então eles precisam do meu filho.

*Silêncio.*

**Erwin** Eles estão prendendo ele. Ele está sendo retido lá por algum motivo. Fala a verdade.

**Linda** Eu trouxe o lenço dele pra você.

*Pausa.*

**Erwin** Eu vou fazer o que com o lenço dele. Ele por acaso está andando pelado, lá no Japão. - No Japão neva. Muito.

**Linda** Uma recordação, uma lembrança.

**Erwin** Faz frio no Japão, tanto frio que os japoneses encolhem e ficam com as pernas tortas de tanto congelar.

**Linda** Ele usou o lenço até a sua partida. É o vermelho, você se lembra, o tom de vermelho, que faz você lembrar das cerejas, que vocês às vezes colhiam juntos.

**Erwin** Que papo sentimental esse seu hoje. Colher cerejas, me diz uma coisa - eu não me lembro de nenhuma cereja, você está louca. - No Japão todos são loucos por cereja, e no Japão faz tanto frio, que eles inventaram um adesivo que esquenta, o que eu estou dizendo, um adesivo quente, que se cola na roupa, para evitar frieiras nos locais sensíveis. Então me diz, eu vou fazer o que com o lenço dele, aqui.

**Linda** Ele está exatamente do jeito, que estava quando o Finn me deu. Aqui, o furinho na ponta, alguns fios de cabelo dele ficaram presos aqui, e o after-shave dele -

**Erwin** *dá uma cheirada rápida no lenço* Olha só, eu não sou cachorro, que precisa cheirar um pedaço de pano, pra conseguir encontrar a sua família.

*Silêncio.*

**Erwin** Isso é sangue. - São gotas de sangue -.

*Silêncio.*

**Erwin** O que aconteceu. Que diabos aconteceu. - Quando ele vai voltar.

*Pausa.*

**Linda** Eu não sei, pai.

**Erwin** Então tá, então nós vamos até lá.

**Linda** Pro Japão -

**Erwin** Agora vê se inventa uma boa desculpa.

*Longo silêncio.*

**Erwin** Quem consegue entender isso. - Há tanto tempo ele não me faz uma visita. Três anos ou mais.

*Silêncio.*

**Erwin** Foi por força maior. - Me diz - Foi por força maior.

*Silêncio.*

### 37. E então

*Linda. Erwin. Thomas. Mônica. (criança.)*

Num outro dia

Linda entra num bar. Uma mesa foi reservada, para três.

Erwin está esperando. Sozinho.

Thomas e a criança estão sentados ali do outro lado, perto da janela.

A Senhora Tomason, a outra, passa lá fora,

vê os dois, levanta a mão

contra o vidro, mas não bate.

Ela entra,

Linda acena com a cabeça -.

A Senhora Tomason, a outra, empurra a cadeira

de um lado para o outro, se senta ao lado da criança.

Ela não reconhece a Linda, ou

finge não reconhecê-la -.

Ela está com um curativo na cabeça.

Silêncio.

Erwin brinca com o copo: Eu acho, que ela nos deu um bolo.

A Senhora Davidoff não vem mais.

Linda tira uma coisa da bolsa.

Ela estende a mão, a mão com o

dedo magnético, e faz com que o carrinho de metal

vermelho vá de um lado para o outro da mesa, à distância,

só com o movimento do dedo.

De um lado para o outro. Em círculos.

A criança sorri.



### **Anexo 1/3**

#### *Como la cigarra*

Tantas veces me mataron,  
tantas veces me morí,  
sin embargo estoy aquí  
resucitando.

Gracias doy a la desgracia  
y a la mano con puñal  
porque me mató tan mal,  
y seguí cantando.

Cantando al sol como la cigarra  
después de un año bajo la tierra,  
igual que sobreviviente  
que vuelve de la guerra.

Tantas veces me borraron,  
tantas desaparecí,  
a mi propio entierro fui  
sola y llorando.  
Hice un nudo en el pañuelo  
pero me olvidé después  
que no era la única vez,  
y seguí cantando.

Cantando al sol como la cigarra  
después de un año bajo la tierra,  
igual que sobreviviente  
que vuelve de la guerra.

Tantas veces te mataron,  
tantas resucitarás,  
¿cuántas noches pasarás  
desesperando?  
Y a la hora de naufragio  
y la de la oscuridad,  
alguien te rescatará  
para ir cantando.

Cantando al sol como la cigarra  
después de un año bajo la tierra,  
igual que sobreviviente  
que vuelve de la guerra.

*María Elena Walsh, 1972*

## Anexo 2/3

### *Como uma cigarra*

Tantas vezes me mataram,  
Tantas vezes eu morri,  
E no entanto estou aqui  
ressuscitado.

Agradeço a desgraça  
e a mão com o punhal  
Porque me matou tão mal,  
e segui cantando.

Cantando ao sol como uma cigarra  
depois de um ano embaixo da terra,  
como um sobrevivente  
que volta da guerra.

Tantas vezes me apagaram,  
tantas vezes desapareci,  
fui ao meu próprio enterro  
sozinha e chorando.  
Fiz um nó no lenço  
mas me esqueci depois  
que não foi a única vez,  
e segui cantando.

Cantando ao sol como uma cigarra  
depois de um ano embaixo da terra,  
como um sobrevivente  
que volta da guerra.

Tantas vezes te mataram,  
tantas ressuscitarás,  
quantas noites passarás  
te desesperando?  
E na hora do naufrágio  
e da escuridão,  
alguém te resgatará  
para seguir cantando.

Cantando ao sol como uma cigarra  
depois de um ano embaixo da terra,  
como um sobrevivente  
que volta da guerra.

### **Anexo 3/3**

O termo e a idéia do "Tomason" como sendo um objeto inútil no espaço público vem do artista japonês Genpei Akasegawa, que desenvolveu a idéia nos anos setenta e documentou-a em Tóquio usando diversos exemplos.

O tema da tentativa de assassinato na mata (Cena 23) é baseado na investigação sobre o caso Jean-Claude Romand, Frankfurt/Meno 2001.

**Nota da tradução:** As falas dos personagens Rainer, Gabi e especialmente Mira, são escritas em alemão popular, com forte sotaque de Berlim.

DEA LOHER

nasceu em 1964 em Traunstein. Estudou literatura alemã e filosofia em Munique. Mora em Berlim.

Peças: *Olgas Raum*, Estréia: Ernst-Deutsch-Theater, Hamburgo 1992; *Tatuagem*, Estréia: Ensemble am Südstern, Berlim 1992; *Leviathan*, E: Staatstheater Hannover 1993; *Fremdes Haus*, E: Staatstheater Hannover 1995; *Barba azul, esperança das mulheres*, E: Bayerisches Staatsschauspiel, Munique 1997; *Adam Geist*, E: Staatstheater Hannover 1998; *Manhattan Medea*, E: steirischer herbst/Mecklenburgisches Staatstheater Schwerin 1999; *Klaras Verhältnisse*, E: Burgtheater Wien Viena 2000; *Der dritte Sektor*, E: Thalia Theater Hamburgo 2001; *Magazin des Glücks*, E: Thalia Theater Hamburgo 2001/2002; *Innocência*, E: Thalia Theater Hamburgo 2003; *A vida naPraça Roosevelttr Praça Roosevelt*, E: Thalia Theater Hamburgo 2004; *Land ohne Worte*, E: Münchner Kammerspiele Munique 2007; *Das letzte Feuer*, E: Thalia Theater Hamburgo 2008; *Ladrões*, E: Deutsches Theater Berlim 2010.

Prêmios: Prêmio de Dramaturgia do Hamburger Volksbühne 1990 por *Olgas Raum*; Prêmio da fundação de autores de Frankfurt 1993; Prêmio Schiller de Baden-Württemberg 1995; Prêmio Jakob Michael Reinhold Lenz da cidade de Jena 1997 por *Adam Geist*; Prêmio Gerrit Engelke da cidade de Hannover 1997; Prêmio de Dramaturgia de Mülheim 1998 por *Adam Geist*; Prêmio Else Lasker-Schüler 2005; Prêmio Bertolt Brecht 2006; Prêmio de Dramaturgia de Mülheim 2008 por *Das letzte Feuer*; Prêmio de Literatura de Berlim 2009; Prêmio Marieluise Fleißer 2009.